

EDIÇÃO ESPECIAL

# ZERO

FLORIANÓPOLIS, ABRIL 2003 - ANO XVIII, NÚMERO 3



# INVASÃO ILEGÍTIMA

GUERRA E MASSACRE NO IRAQUE

Bombardeio sobre Bagdá em um dia incerto de abril de 2003

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

ANO XVIII - Nº 3

ABRIL 2003

CURSO DE JORNALISMO

CCE - JOR

UFSC

Melhor Jornal-laboratório  
1 Prêmio FocaSind. dos Jornalistas de SC  
20003º Melhor  
Jornal-laboratório  
do Brasil  
Expocom 94Melhor Peça Gráfica  
I, II, III, IV, V e XI  
Set Universitário  
88, 89, 90, 91, 92 e 98Jornal-laboratório do  
Curso de Jornalismo da  
Universidade Federal de  
Santa Catarina

CONCLUÍDO EM 30/04/2003

**Arte:** Alexandre Brandão, Ildo Golffeto, Wagner Maia  
**Apoio:** Labfoto, LabInfografia, Labrádio  
**Colaboração:** Cláudio Tognoli, Hanit Dardagan, Rogério Machado  
**Copy-writer:** Felipe Bächtold, Marco Britto, Maycon Stahelin, Marcela Campos, Richard Amante, Tadeu Martins, Wagner Maia



**Direção de Arte e de Redação:** Jornalista e professor Ricardo Barreto  
**Edição:** Wendel Martins (Sênior) Alexandre Brandão, Tadeu Martins, Wagner Maia (Assistentes), Felipe Bächtold, Jeanne Callegari, Maycon Stahelin

**Editoração eletrônica, tratamento de imagens e produção gráfica:**

Alexandre Brandão

**Fotografia:** Ali Jarekji, Brian Walski, David Turnley, Faleh Kheiber, Goran Tomasevic, Jerome Delay, James Hill, Jerome Delay, Lucien Perkins, Marcelo Hernandez, Mark Richards, Soroush Oryan, Spencer Platt, Suhaib Salem

**Serviços Editoriais:** Al Jazeera, Agência Folha, Agência Estado, AOL, Associated Press, BBC, Clarín, CNN, Daily Mirror, Digital Journalist, Getty Images, El Mundo, France Presse, Imediata.com, Iraq Body Count, The Independent, Los Angeles Times, National Geographic, NBC, New York Times, Newseum, Portal dos Jornalistas, Pravda, Poynter Institute, Público, Repórteres Sem Fronteiras, Resistir.info, Reuters, RTP, Sítio Campanha contra Sanções no Iraque, Terra, Último Segundo, United For Peace, UPI, Washington Post, World Socialist Web Site

**Textos:** Débora Remor, Felipe Bächtold, Fernanda Menegotto, Jeanne Callegari, Maycon Stahelin, Marcela Campos, Marco Britto, Mário Coelho, Renata Dalmaso, Tadeu Martins, Wagner Maia, Wendel Martins

**Impressão:** Diário Catarinense  
**Redação:** Curso de Jornalismo (UFSC-CCE-JOR), Trindade, CEP 88040-900, Florianópolis, SC

**Telefones:** 55 (48) 331-6599, 331-9490, 331-9215

**Fax:** (48) 331-9490

**Sítio:** www.zero.ufsc.br

**E-mail:** zero@cce.ufsc.br

**Circulação:** gratuita e dirigida

**Tiragem:** 5.000 exemplares



Organizações internacionais de jornalistas protestam contra ataques de americanos. Ações foram intencionais e são consideradas "crimes de guerra"

## Jornalistas são alvos na guerra

Protestos reforçam suspeita de que mortes foram intencionais

Depois da morte de 14 jornalistas que cobriam a invasão do Iraque, muitos órgãos e entidades representativas de imprensa se manifestaram contra a falta de proteção aos profissionais pelos exércitos americano e iraquiano, o que consideram ataques à liberdade de informação. Existe a suspeita de que hotéis conhecidos por abrigar jornalistas durante o conflito e carros de imprensa devidamente identificados foram atacados intencionalmente pelas forças anglo-americanas. As respostas das autoridades americanas tentam redimir seus combatentes dos atos contra jornalistas, em seu exército profissional, entendidos como civis.

Em protesto às mortes dos ataques de 8 de abril (que mataram três jornalistas e feriram pelo menos mais três - veja páginas 13 e 16), a Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ) enviou documento acusando os dois lados de cometerem "crimes de guerra". Aidan White, secretário-geral da FIJ reclama que "não há dúvida de que todos estes ataques poderiam estar mirando jornalistas. Se isso for verdade, é uma violação grave e



séria das convenções internacionais". A organização Jornalistas Canadenses pela Liberdade de Expressão também protestou e recebeu como resposta de Victoria Clarke, porta-voz do Departamento de Defesa dos EUA, que "a guerra é um negócio perigoso, e você não está seguro nestas áreas".

O Comitê para Proteção dos Jornalistas exigiu de Donald Rumsfeld, secretário de Defesa americano, que uma investigação imediata e profunda fosse feita e que suas conclusões fossem levadas a público. O CPJ levanta ainda a "hipótese de que o ataque a Al Jazeera, rede de tevê árabe em Bagdá, tenha sido proposital". Uma carta semelhante foi enviada ao presidente americano George Walker Bush pela Associação Mundial dos Jornais e o Fórum Mundial dos Editores, representantes de 18 mil jornais de todos os continentes.

Os jornalistas mortos desde o início da invasão americana ao Iraque têm sido lembrados pelos jornais por virarem alvos fáceis das forças militares. No fatídico dia 8 de abril, o escritório da

Al Jazeera, televisão do Qatar, foi atingido por um míssil americano que matou o correspondente Tarek Ayub e feriu Zohair Al-Iraqi. No mesmo dia, o hotel Palestina, conhecido por abrigar os correspondentes estrangeiros em Bagdá, foi atingido por um tanque americano. Taras Protsyuk, cinegrafista da agência inglesa Reuters, e Jose Cuoso, da emissora espanhola TeleCinco, foram mortos. Um porta-voz militar americano alegou que as forças revidaram a tiros vindo do hotel, mas atestaram em boletins emitidos ao vivo para seus países não haver nenhum franco-atirador no hotel.

Terry Lloyd, jornalista da empresa britânica ITN, morreu quando forças anglo-americanas avançavam sobre Basra no dia 22 de março. Ele e mais três jornalistas estavam num carro de imprensa quando militares abriram fogo. Nada compatível a essas mortes, a tão proclamada Convenção de Genebra traz no artigo 79 que os "jornalistas engajados em missões profissionais perigosas em área de conflito armado devem ser considerados civis" e "devem ser protegidos". Não é o que aconteceu: em toda a Guerra do Golfo de 1991 morreram apenas quatro jornalistas.

**Débora Remor**

## EUA são odiosos para bispo de Boston

Conte a verdade ao povo sobre o terrorismo, senhor presidente. Se as ilusões sobre o terrorismo não forem desfeitas, a ameaça continuará até nos destruir completamente. A verdade é que nenhuma das nossas muitas armas nucleares pode proteger-nos dessas ameaças. A reação óbvia é perguntar: então o que podemos fazer? Para entendermos isso, precisamos saber a verdade sobre a ameaça. Senhor presidente, o senhor não contou a verdade sobre o porquê de sermos alvo de terrorismo quando explicou por que bombardeamos o Afeganistão e o Sudão. O senhor disse que somos alvo do terrorismo porque defendemos a liberdade e os direitos humanos. Que absurdo, senhor presidente! Somos alvo do terrorismo porque na maior parte do mundo nosso governo defendeu a ditadura, a escravidão e a exploração humana. Somos alvo de terrorismo porque somos odiados. E somos odiados porque o nosso governo fez coisas odiosas. Em quantos países agentes do nosso governo depuseram líderes eleitos pelos seus povos, substituindo-os por militares ditadores, marionetes desejosos de vender seu próprio povo a corporações americanas? Fizemos isso no Irã, no Chile, no Vietnã. Quantas ve-

zes fizemos isso no Panamá, na Nicarágua e em outras repúblicas da América Latina? De país em país nosso governo obstruiu a democracia, sufocou a liberdade e pisou nos direitos humanos.

O povo do Canadá desfruta da liberdade e dos direitos humanos, assim como os povos da Noruega e da Suécia. O senhor já ouviu falar de embaixadas canadense, norueguesas ou suecas sendo bombardeadas? Nós somos odiados porque o nosso governo nega essas coisas aos povos do Terceiro Mundo, cujos recursos são cobiçados por nossas multinacionais.

Esse ódio que semeamos virou-se contra nós, para nos assombrar sob a forma de terrorismo e, no futuro, terrorismo nuclear.

Em vez de sustentar a rebelião, a desestabilização, o assassinio e o terror revolta do mundo, deveríamos abolir a CIA e doar o dinheiro a organizações filantrópicas.

Resumindo: deveríamos ser bons em vez de maus. Amém.

**Bernard Law**  
Arcebispo de Boston



Enquanto o direito internacional agoniza, novo aparato bélico deixa Bagdá em chamas

# Invasão ao Iraque é ilegítima, ilegal e injustificável

*Unilateralismo isola os americanos*

Segurança para desarmar-se". Do Iraque, a acusação é respondida. "Se o objetivo é assegurar que o Iraque está livre de armas nucleares, químicas e biológicas, eles podem (realizar as inspeções). Essas armas não são tão pequenas a pontos de poderem ser escondidas dentro do bolso. Essas são armas de destruição em massa, e é fácil concluir se o Iraque as tem ou não", desafiou Saddam Hussein, em 4 de Fevereiro.

O professor Vladimir Splipchenko, doutor em Ciências Militares e major general russo na reserva, alega que a invasão ao Iraque é apenas um teste, em artigo publicado no site Pravda On-line. "A razão principal para esta guerra é que os EUA querem testar sistemas sofisticados de armas", afirma, acrescentando que há dez anos, os americanos conduzem basicamente guerras sem contato direto. "As forças armadas dos EUA tem de fazer uma preparação acelerada para futuras guerras, que vão utilizar sistemas de alta tecnologia e permitirão aos EUA conduzir uma campanha militar em qualquer parte da terra, sem

contato", alertou George Walker Bush em maio de 2001, na Academia Naval em Annapolis.

Para tentar justificar a decisão de George Bush, o ex-secretário de Estado americano Henry Kissinger alegou que "a nova abordagem é revolucionária", mas confessou que "definir uma mudança de regime como meta de uma intervenção militar desafia o sistema internacional acordado pelo Tratado de Vestfália, de 1648, que, após a carnificina resultante das guerras religiosas, estabeleceu o princípio da não-intervenção nos assuntos internos de outros países".

**Wagner Maia**

Quando a 3ª Divisão de Infantaria do exército estadunidense

atravessou a fronteira do Kuwait e Iraque na madrugada do dia 20 de março, começava uma invasão ilegal, contrariando a legislação da Organização das Nações Unidas (ONU). Está claro no direito internacional, Artigo 2, Parágrafo 4 da Carta da ONU: "Todos os Membros irão deixar nas suas relações internacionais de usar a ameaça ou uso de força contra a integridade territorial ou independência política de qualquer estado, ou em qualquer outra maneira que seja inconsistente com as propostas com a ONU". Com Saddam Hussein deposto do poder, não foram encontradas armas de destruição em massa iraquianas, principal motivo da intervenção militar no país.

O artigo 51 da Carta da ONU explica as circunstâncias em que uma guerra pode ser travada: "Nada nesta Carta impedirá o direito inerente de auto-defesa coletiva ou individual se acontecer um ataque armado contra um membro da ONU, até que o Conselho de Segurança tenha tomado medidas para manter a paz e segurança internacional. Não irão de qualquer modo tomar a qualquer altura qualquer ação que considera necessária para manter ou restabelecer a paz e segurança internacional e

afetar a autoridade e responsabilidade do Conselho de Segurança".

Visto que o Iraque não atacou os EUA ou Reino Unido e que a paz e segurança internacional são postos em risco pelas forças de coalizão, não são cumpridas as questões de auto-defesa. Mas John Negroponte, embaixador dos EUA, justificaria um invasão ao Iraque, em 27 de janeiro. "Relatórios dos inspetores-chefe de armas da ONU não dão esperança

aos Estados Unidos de que o Iraque pretenda cumprir totalmente as exigências do Conselho de



## Ataque reverte expansão do euro sobre o dólar

Muito tem se falado sobre os motivos que levaram os Estados Unidos e a Inglaterra a iniciarem uma cruzada contra o Iraque, mais precisamente contra seu ditador Saddam Hussein. Os pretextos oficiais são a busca por armas de destruição em massa e que a ditadura de Saddam tem feito o povo iraquiano sofrer por décadas, e que merecem uma democracia livre e autônoma. Isto, se não fosse o Iraque dono da segunda maior reserva de petróleo do mundo. Pior: o país fez um desafio econômico aos EUA quando, em 6 de novembro de 2000, substituiu a moeda com a qual operava as vendas de petróleo, de dólares para euros. Pode-se ver essa mudança por dois ângulos: o econômico, já que na época o euro valia 82 centavos de dólar; e do ponto de vista político, parecia bravata. Com a quinta e maior expansão da União Européia, efetuada em 16 de abril, o euro vai ter um mercado de aproximadamente 450 milhões de consumidores, ganhando forte na disputa com o dólar americano para definir qual será a moeda de referência comercial no mundo inteiro.

Os atentados de 11 de setembro de 2001, aliados à crescente valorização da moeda européia frente ao dólar, acabaram mostrando uma tendência que hoje faz os americanos tremerem. Seguindo o exemplo iraquiano, o Irã queimou no ano passado parte dos dólares do seu Banco Central, fato que o colocou no dito "Eixo do Mal" de George Walker Bush. Além disso, durante 2002, países integrantes da Organização de Produtores de Petróleo



Pressionando: ataque também permite a manutenção da hegemonia econômica americana

(OPEP) começaram a discutir a conversão de seus negócios para o euro. O jornalista Pedro Dória foi o primeiro a levantar essa tese na imprensa brasileira; "Chávez (Hugo Chávez, presidente da Venezuela) fala disso a toda hora. Quando novos países aderirem

à Zona do Euro, nos próximos cinco anos, o PIB da região somará quase 10 trilhões de dólares, equivalente ao dos EUA. Quando a Inglaterra abandonar a libra esterlina, algo que os analistas consideram questão de tempo, o Banco Central Europeu vai se sobrepôr ao FED norte-americano em volume de riqueza numa única moeda". Seguindo esse raciocínio, Dória, em artigo no site No Mínimo, afirma que "Se os petrodólares forem substituídos por petroeuros, pela primeira vez, desde o fim da Segunda Guerra Mundial a moeda franca internacional mudará".

O pesquisador William Clark escreveu um longo artigo publicado em janeiro sobre o assunto para o site da Independent Media Center. A verdadeira razão para a administração Bush querer um governo fantoche no Iraque é, para Clark, "reverter os dólares como moeda padrão das negociações, e mantê-lo dessa maneira". Como a economia americana é diretamente ligada ao papel do dólar como moeda de reserva, a transação para o euro teria que ser gradual para evitar deslocamentos, com resultado final dos EUA e a União Européia trocando lugares na economia global. Clark foi profético: "A guerra no Iraque, bem sucedida do ponto de vista americano, com um regime constituído, pode ser a ruína da OPEP".

**Mario Coelho**

# GUERRA

## Da maior potência bélica do planeta para dominar um país destruído

**G**eorge Walker Bush, o mandante do império estadunidense, há meses ameaçava atacar o Iraque caso não fosse cumprida a resolução 1441 da Organização das Nações Unidas (ONU), que exigia o "acesso imediato, incondicional e ilimitado" dos inspetores de armas a qualquer parte do país - Saddam havia os expulsado há quatro anos. A procura pelas armas químicas e biológicas iraquianas recomeça em 27 de novembro de 2002, mas só são encontrados e destruídos mísseis convencionais com alcance superior à 150 quilômetros, limite imposto pelas Nações Unidas depois da Guerra do Golfo. Antes que as vitórias pudessem ser concluídas, no entanto, Bush alega que Saddam está enganando todo o mundo e escondendo armas proibidas, e que não há alternativa senão atacar e derrubar o ditador antes que ele tente alguma ação.

Os protestos por todo o mundo se intensificam, inclusive dentro dos EUA. Os líderes da Alemanha, França, China e Rússia fazem novos apelos por uma solução pacífica e pedem mais tempo aos inspetores da ONU. Membros do partido do primeiro-ministro britânico Tony Blair se manifestam contra o ataque, e o deputado Robin Cook deixa a liderança do governo na Câmara dos Comuns. Indiferente a opinião da maior parte do planeta, o filho do homem que não conseguiu derrubar Saddam Hussein há 12 anos ordena que o líder iraquiano deixasse o país em 48 horas para não que seu país não seja atacado. O ultimato não é cumprido, e duas horas após o término do prazo cai a primeira bomba em Bagdá.

**Primeiros ataques** - Com informações sobre a suposta localização de Saddam na madrugada do dia 20, o Pentágono pretendia eliminar a liderança iraquiana com um único ataque "cirúrgico". Saddam escapou, e segundo a Cruz Vermelha 14 civis foram feridos e um taxista morreu. Horas depois, bases americanas no Golfo Pérsico e no Mar Vermelho iniciam os lançamentos de mísseis Tomahawk, e no dia seguinte os ataques aéreos, principalmente à Bagdá, se intensificam, dando início à tática de "choque e pavor".

Autoridades americanas anunciam a conquista das cidades de Umm Qasr e Basra, a segunda maior cidade do país. Essas informações foram desmentidas uma semana depois, no dia 28, quando as mesmas autoridades admitiram que ainda não estavam "nem perto" de controlar Basra.

Em 23 de março, soldados iraquianos filmam imagens de um interrogatório a prisioneiros americanos, que são veiculadas pela rede de TV Al Jazeera. Os EUA reclamam de violação da Convenção de Genebra, que protege prisioneiros de guerra da exposição e humilhação públicas. No entanto, as TVs americanas tiveram a mesma atitude quando mostraram, dias antes, iraquianos ajoelhados e com as mãos na cabeça ao se renderem às tropas da coalizão anglo-americana. Depois desse episódio os soldados capturados dos dois lados, quando apareciam, eram encapuzados.

No mesmo dia, o chamado "fogo amigo" faz as primeiras vítimas. Depois que tropas anglo-americanas atiraram em um automóvel que levava três jornalistas britânicos próximo a Basra, um míssil Patriot dos EUA acertou por engano um caça britânico no sul do Iraque matando seus dois tripulantes. No Kuwait, um soldado americano foi preso depois de jogar granadas dentro de tendas do comando militar do próprio país. Dois soldados morreram e quatorze ficaram feridos.

**Aumenta a resistência** - Guerrilheiros leais a Saddam Hussein, auxiliados por um comboio saído de Bagdá com mais de mil veículos da Guarda Republicana, seguram o avanço dos EUA rumo a principal cidade do país. Somente em dois dias de batalha na cidade de Najaf, 500 iraquianos, civis e militares, foram mortos, de acordo com o exército dos EUA. Soldados iraquianos começam a se disfarçar de civis para confundir os inimigos. Ao tentar combater essa tática, tropas americanas cometem diversos enganos e atiram contra civis. Além de uma maior resistência armada, as tropas da coalizão enfrentaram três dias seguidos de fortes tempestades de areia - que impediam, inclusive, os ataques aéreos.

A TV estatal iraquiana fica algumas horas fora do ar no dia 26, após bombardeios ao prédio central da emissora. No dia seguinte, tropas americanas começam a invasão pelo norte, a partir dos territórios controlados pelos curdos, enquanto Bush e Blair exigem que o programa de troca de petróleo iraquiano por comida seja retomado.

Em 29 de março, um iraquiano mata quatro soldados com um táxi cheio de explosivos, no primeiro de uma série de ataques suicidas contra os invasores. Segundo o porta-voz de Saddam, o exército do Iraque tem 4 mil mártires dispostos a servir como homens-bomba na guerra. Hosni Mubarak, presidente do Egito, afirma que, devido à intransigência dos EUA em atacar o Iraque e à revolta que essa atitude provocará entre os árabes, "teremos centenas de Bin Ladens na região, e a Terra não será segura".

Os relatos de ataques contra civis por parte das tropas da coalizão são contínuos, inclusive na mídia dos EUA e da Inglaterra. Em uma única batalha no dia 1º de abril, na cidade de Hilla, a 80 quilômetros de Bagdá, foram 33 mortos. De acordo com autoridades iraquianas, um dia depois outros 33 morreram em um bairro residencial da mesma cidade, e membros da Cruz Vermelha Internacional afirmam ter visto dezenas de corpos, inclusive de mulheres e crianças.

Depois de outro incidente envolvendo civis, um jornalista do grupo de jornais americano Knight Ridder entrevistou Bakhat Hassan, um dos sobreviventes, que disse ter perdido 11 parentes no ataque. O iraquiano testemunhou que ele e sua família fugiram na direção das tropas invasoras depois de lerem panfletos, lançados por helicópteros americanos, sugerindo que a população buscasse a proteção das tropas da coalizão. Os soldados, no entanto, abriram fogo quando eles se aproximaram. "Eu vi as cabeças das minhas duas meninas pularem fora", disse a mulher de Hassan, Lamea.

**Aeroporto de Bagdá** - No dia 3 de abril começa a batalha pelo aeroporto internacional Saddam Hussein, e as primeiras notícias sobre essa etapa da invasão são contraditórias mesmo entre fontes americanas. Depois de o sítio da rede de TV ABC ter anunciado que o exército dos EUA já havia conquistado o aeroporto, o comandante que liderava o ataque disse que a batalha era intensa e ainda não havia terminado. Devido à importância estratégica para os EUA de ter um aeroporto dentro da capital do Iraque, ainda no dia 5 de abril oficiais de Saddam negavam ter



Marine americano ignora o cadáver de um soldado iraquiano morto durante confronto direto ao norte de Bagdá

perdido o controle sobre o local e tentavam resistir por mais tempo utilizando homens-bomba. Mas no mesmo dia os EUA tomam de fato o aeroporto e partem para Bagdá. Um coronel americano afirma que mil soldados iraquianos morreram nessa batalha.

O 18º dia do conflito, 6 de abril, foi marcado por mais quatro episódios de "fogo amigo", em que morrem pelo menos 23 pessoas, entre elas 12 guerrilheiros curdos e um intérprete da rede de TV BBC. A rádio Teerã informa que Hassan Ali Majid, o "Ali Químico", primo de Saddam Hussein e comandante das forças iraquianas no sul do país, foi morto pelos bombardeios sobre Basra.

**Novo governo** - Enquanto as tropas americanas intensificam a invasão terrestre em Bagdá, no dia 7, Bush e Blair já discutiam o futuro do Iraque após o fim da guerra em Belfast, capital da Irlanda. Mesmo entre as autoridades americanas não havia consenso sobre a participação da ONU na reconstrução do Iraque. De um lado o Pentágono, personificado por Donald Rumsfeld, secretário de Defesa dos EUA, que quer um governo iraquiano composto por membros das forças armadas americanas e pretende restringir a participação das Nações Unidas à ajuda humanitária. No entanto, Tony Blair e Colin Powell, o secretário de Estado americano, defendem que a participação da entidade internacional na administração

e reconstrução do país. Os discursos proferidos após o fim do encontro de dois dias poderiam indicar que a opinião do premier britânico prevaleceu.

"Trabalharemos o mais rápido possível para implementar estruturas governamentais sob o controle de uma autoridade interina composta por iraquianos, tanto de dentro como de fora do país", garantiu George Bush em entrevista coletiva. Os dois governantes assumiram que querem que a ONU auxilie na formação desse governo provisório. "O novo Iraque que emergirá da guerra será governado por e para o povo iraquiano, não pelo Reino Unido, não pelos Estados Unidos, não pela ONU. Esta é uma guerra de libertação, não de conquista", assegurou o britânico. No entanto Jay Garner, general reformado do exército dos EUA, é escolhido para coordenar a formação do novo governo iraquiano.

**Hotel Palestine** - Dois cinegrafistas, uma da agência de notícias inglesa Reuters e outro da TV espanhola Telecinco, morrem no dia 8 de abril, depois que um tanque americano disparou contra o hotel Palestine, onde a maior parte dos jornalistas estrangeiros estava hospedado em Bagdá. Ao tentar justificar o ataque, Vincent Brooks, vice-diretor de operações dos EUA no Iraque, disse que o tanque superou a tiros vindos do hall do hotel. Mas não soube dizer porque o disparo atingiu a parte superior do prédio, no 15º andar. "Talvez por erro", arriçou o oficial. Ninguém crê na versão.

Nenhum dos 200 jornalistas que estavam no hotel no momento do ataque disseram que ter visto ou ouvido tiros contra os soldados americanos. O repórter David Chater assegurou que o ataque ao Hotel Palestine "não foi um acidente". "Não escutei nem um só disparo proveniente de nenhuma zona próxima nem do hotel". Charter trabalha na rede britânica Sky News, uma das empresas de Rupert Murdoch, maior incentivador na guerra na tendenciosa imprensa americana.

No mesmo dia a sede da TV Al Jazeera em Bagdá é bombardeada por um caça americano e um jornalista jordaniano morre. A rede do Qatar, que era um dos poucos contrapontos à parcialidade da mídia dos EUA e, em menor intensidade, da Inglaterra, afirmou que havia informado ao exército americano a exata localização de seu prédio em Bagdá, para que ele não fosse atacado. Bombas caíram também sobre a redação da Abu Dhabi TV em Bagdá. Mas nesse ataque ninguém morreu.

**"O jogo acabou"** - O embaixador do Iraque na ONU anuncia dessa forma a derrota formal de seu país no dia 9 de abril, apesar de alguns guerrilheiros ainda resistirem em Bagdá. Lojas, hotéis, universidades, hospitais, palácios e instalações militares de Saddam Hussein são invadidas e saqueadas pela população em todo o país. Na capital, civis ajudam soldados americanos a derrubar uma estátua de bronze de Saddam, e um fuzileiro cobre o rosto do ditador com a bandeira dos EUA. É repreendido por seus superiores, pois não se pode passar a idéia de que essa seria uma guerra de anexação.

O caos em que se encontra Bagdá faz com que a Cruz Vermelha Internacional suspenda, a princípio temporariamente, suas atividades na cidade. A decisão foi tomada devido à morte de um funcionário canadense da entidade após um ataque contra seu veículo no dia anterior.

A Casa Branca ainda hesita em declarar a vitória dos EUA, e Rumsfeld afirma que a captura de Saddam Hussein e seus filhos é o próximo objetivo da coalizão. Dick Cheney, vice-presidente dos EUA, contrariando a declaração do seu superior após o encontro na Irlanda, diz não acreditar que "a ONU venha a ter um papel tão central (na criação de um novo governo no Iraque). Será importante, mas o papel central caberá à coalizão". Ele acrescentou que as Nações Unidas e os países que se opuseram à guerra, como a França, poderão participar dos esforços humanitários.

A onda de saques em Bagdá se intensifica no dia 10. Os americanos ainda enfrentam resistência no centro e na periferia da cidade, principalmente de voluntários de outras nações árabes, que entraram no Iraque logo no início da invasão.

No norte, os curdos, com apoio dos Estados Unidos, ocupam a cidade de Kirkuk, a mais rica em petróleo do Iraque. O objetivo seria transformar a cidade na capital de um novo estado independente, o Curdistão, que seria composto principalmente pelo norte do Iraque e o sudeste da Turquia, além de regiões curdas em outros países vizinhos. Por isso o governo da Turquia admitiu que não admitiria a permanência dos curdos em Kirkuk e ameaçou enviar tropas à região. Colin Powell entra em ação e garante a retirada dos curdos da cidade.

As tropas americanas não dão conta dos saques e da violência em Bagdá. Para reestabelecer a ordem no dia 12 são enviados 1200 policiais e agentes judiciários para ajudarem a controlar a população. A procura por Saddam Hussein continua, e os Estados Unidos começa a se preocupar com seus próximos alvos. Donald Rumsfeld diz, na tarde do dia 13 de abril, ter certeza que de que alguns líderes iraquianos fugiram para a Síria. Mas não ameaçou com uma nova invasão. Por enquanto.

Maycon Stahelin

# Invasão não é unanimidade nem nos EUA

## Nem manifestações internas impediram o presidente americano de atacar o Iraque

No instante em que um míssil Tomahawk, avaliado em US\$ 1,2 milhão, cruzava os céus iraquianos, uma multidão de 250 mil pessoas se reunia em Nova York para protestar contra a guerra. Eram ambientalistas, *bippies* e *ex-bippies*, partidários de esquerda e direita, associações de igrejas, militantes antiglobalização e anticapitalismo, sindicalistas, defensores dos direitos humanos, grupos feministas, aqueles que lutam contra o preconceito aos árabes e os que pregam a conscientização da mídia, líderes do movimento negros, pirados de toda sorte que pediam a legalização da *marijuana*, um grupo de familiares das vítimas dos atentados de 11 de setembro e até uma associação de veteranos da Guerra do Vietnã. Eles representavam os cerca de 30% da população americana que eram contra a invasão do Iraque. Empunhando bandeiras, vestindo camisetas brancas e com gritos de "Não à guerra, não ao petróleo, não ao lucro fácil", os manifestantes exigiam a retirada dos soldados americanos do Golfo Pérsico e respeito às decisões da ONU.

A opinião pública tem muita força nos Estados Unidos: basta lembrar que a guerra do Vietnã foi perdida nas ruas de Washington, Nova York ou Filadélfia, onde as passeatas pacifistas tornaram a campanha bélica politicamente insustentável. Analistas temiam que uma guerra longa no Iraque pudesse repetir o cenário de 1975, quando os tanques norte-vietnamitas, integrantes das forças do General Nguyen Giap, puseram abaixo os portões do Palácio Presidencial do governo sul-vietnamita, dando fim à longa intervenção americana no sudeste asiático. Sem o apoio das ruas, Richard Nixon se contentou em assistir pela tevê o arriar a bandeira dos EUA em Saigon.

Organizações não-governamentais de todo o mundo fizeram no dia 15 de fevereiro uma série de passeatas que repetiram o êxito das mobilizações antinucleares da década de 80. Foi criado até um estranho Dia Internacional Contra a Guerra no Iraque. O lema dos pacifistas que encheram as ruas de cidades da Europa e dos EUA era "não ataquem o Iraque". Naquele dia, 10 milhões de pessoas foram às ruas em todo o mundo para protestar contra uma possível invasão ao Iraque, no maior protesto coletivo na história, realizado em 600 cidades de 60 países.

Uma das principais ferramentas de mobilização foi a Internet. Propagando através de artigos na web e correspondências em massa, grupos contrários à guerra planejaram manifestações para as primeiras horas do ataque a Bagdá. Nos EUA, dezenas de milhares protestaram, de Washington a San Francisco. Ônibus para ativistas foram fretados em vários estados do país. Em Washington, os protestos começaram com um "ato contra o militarismo dos EUA". Apesar do frio de sete graus negativos na capital americana, a France Press estimou que de 30 mil a 40 mil pessoas estavam presentes.

Um veterano que perdeu a perna no Vietnã, Nusbaumer Stewart, criou a Veterans contra a Guerra no Iraque e recebeu 27 mil e-mails de pessoas que enviaram mensagens em apoio ao manifesto pacifista publicado em seu site. A ONG Unidos pela Paz (Unitedforpeace.org) reuniu material sobre todas as manifestações que ocorreram nos Estados Unidos em seu site, além de incluir cerca de 60 links de outros grupos igualmente insatisfeitos com a guerra.

Entre os atos de protesto dos pacifistas, há vigílias à luz de velas e um bloqueio humano num laboratório militar de Massachusetts. Um grupo de ciclistas se reuniu em Washington para uma "corrida contra a guerra". Em Seattle, estudantes saíram das salas de aula e se encontraram numa passeata no centro da cidade. Na Filadélfia, cem manifestantes impediram a entrada de funcionários em um prédio federal. Em Nova York, cerca de trezentas pessoas bloquearam o tráfego na hora de pique na Times Square. Em frente ao Rockefeller Center, duas mil pessoas deitaram no asfalto, e se fingiram de mortas em lembrança às vítimas do conflito.

A desobediência civil mais organizada dos Estados Unidos é em São Francisco. Grupos de cem pessoas vão sistematicamente bloqueando o trânsito das principais avenidas da cidade e pichando mensagens contra a guerra. Algumas das manifestações são bastante estranhas, como a planejada por um grupo de Vermont: fizeram uma paralisação nudista.

Outro ato, organizado em Richmond, na frente de uma das refinarias da Texaco protestava contra o "terrorismo tóxico" das empresas petrolíferas. Eles criticavam a atual secretária de defesa nacional, Condoleezza Rice, ex-diretora do Chevron, subsidiária da empresa na década de 90. Segundo os manifestantes da ONG Ação Direta para Deter a Guerra (actgainstwar.org), desde 1999 as emissões de gases tóxicos, em Richmond, aumentaram em 20%, poluindo o ar, a água e a terra e, tendo como consequência, o crescimento da incidência de câncer na região.

A reação do status quo às passeatas foi em geral pacífica, mas em Oakland, na Califórnia, policiais dispararam balas de borracha contra participantes de uma manifestação que bloqueava uma estrada. A mídia local informou que 50, dos 750 ativistas, ficaram feridos, no primeiro incidente desde o início da campanha antigerra. "Demos nossa ordem de dispersão. Demos a eles uma ordem e tempo suficiente para se dispersarem", garante Danielle Ashford, a porta-voz da polícia de Oakland. Mas o jornal *Washington Post* publicou a versão de um fotógrafo da agência de notícias Reuters, que afirmou ver a polícia disparando várias vezes contra um grupo de 150 manifestantes que permaneceu parado no local após a ordem de dispersão.

Em resposta aos protestos, o presidente Bush contemporizou "a democracia é uma coisa bonita. As pessoas têm o direito de expressar suas opiniões". Ele discorda das pessoas que não vêem no ditador iraquiano uma ameaça à paz. "Saddam Hussein é uma ameaça à América, e nós vamos cuidar dele", garantiu numa breve entrevista coletiva em Washington, antes de começar a guerra.

Depois de dedicar pouco espaço aos protestos do dia 15, as emissoras de TV dos Estados Unidos aumentaram o destaque conferido ao movimento pacifista americano e europeu. Mesmo antes das manifestações, pesquisas indicavam uma redução no índice de apoio a uma invasão do Iraque e um crescente apoio à concessão de mais tempo aos inspetores da ONU para que tentassem desarmar o país pacificamente.

Com o início da guerra, o quadro se reverteu. A aprovação popular do presidente - que era de 54% em fevereiro contra 64% em janeiro - subiu para 80% em março. Segundo pesquisa realizada pelo diário *Washington Post* e pela rede de TV ABC, seis em cada dez americanos aprovam a maneira como Bush tratou a situação no Iraque. O presidente também aproveitou o tom ufanista dado pelas emissoras de TV americanas, que exibiam vinhetas ressaltando a bravura dos soldados da Coalizão e reiterando a promessa tecnológica de poucas mortes civis.

Outro que se beneficiou com a guerra rápida foi o primeiro-ministro britânico Tony Blair. Atualmente sorridente e brincando com os deputados na Câmara dos Comuns, Blair foi para a luta sem aprovação popular. Ele ainda enfrentará a oposição de grande parte da sociedade, como os líderes da igreja anglicana, mas as vozes discordantes em seu partido se calam. Agora ele terá que convencer a opinião pública britânica de que o Iraque tem mesmo as armas químicas que motivaram o conflito.

Em situação delicada também estão os premiês José María Aznar, da Espanha, e Silvio Berlusconi, da Itália, ambos favoráveis à posição americana. Com índice de aprovação em queda, os governantes espanhol e italiano não vão tirar vantagem da queda de Saddam. A oposição na Itália foi grande: no dia 15 de fevereiro, cerca de três

mil ônibus e 29 trens especiais foram fretados para levar à capital italiana cerca de um milhão de pessoas. Foram vendidos cerca de 800 mil unidades da bandeira com o arco-íris, o símbolo da paz do movimento italiano. Até o papa, perto de completar 83 anos, desejou o fim da guerra e rezou pela população iraquiana. "Meu pensamento se dirige em particular ao Iraque e a todos aqueles que estão implicados na guerra. Penso muito especialmente nos civis indefesos submetidos a tão rude prova em diferentes cidades. Que Deus queira que o conflito acabe rapidamente, para dar lugar a uma nova era de perdão, amor e paz", anunciou a milhares de peregrinos reunidos na praça São Pedro, no primeiro domingo de abril.

Mesmo com uma ameaça de boicote, quando americanos jogaram fora vinhos franceses, o presidente Chirac saiu politicamente fortalecido da guerra. Pesquisa de opinião na França mostrou que cerca de 87% dos franceses se opõem à intervenção militar e que 85% apoiam as decisões de Chirac sobre o tema. O chanceler francês, Dominique de Villepin, reforça a ideia de oposição e assegurou que o triunfo anglo-americano no Iraque "virou uma página obscura" na história. Agora "a prioridade é responder à urgência humanitária" do país, disse. O chanceler alemão, Gerhard Schröder, refutou a possibilidade de ações militares em outros países da região. Ele, que se opôs à invasão do Iraque, não descartou o envio de força de paz alemã quando terminar completamente o conflito.

No Capitólio não se ouviu nenhuma voz contra a decisão do governo Bush em invadir o Iraque. O presidente Bush apresentou a primeira fatura da guerra: US\$ 80 bilhões, a maior emenda orçamentária da história do Congresso. O dinheiro é destinado a manter os cerca de 350 mil homens no Oriente Médio e financiar o aparato tecnológico de bombas inteligentes e satélites espíes. No número estão incluídos os custos iniciais da reconstrução do Iraque. Foram também adicionados custos extras de segurança doméstica, ajuda estrangeira e assistência a linhas aéreas.

O orçamento da guerra é mais dinheiro do que Michigan, Massachusetts ou outros 40 Estados americanos enviaram para a receita federal em impostos no ano passado. É mais do que os orçamentos de 2003 para os Ministérios de Agricultura, Educação ou Justiça. "É muito melhor economizar em vidas do que em dólares", disse o senador republicano John Warner, presidente da Comissão dos Serviços Armados. Com essa lógica - reforçada pela ideia de que vidas iraquianas também estão sendo salvas - o orçamento inicial proposto pelo Pentágono foi aceito com facilidades, mesmo que desequilibre as contas do governo. Os senadores não queriam ser taxados de antiamericanos pela opinião pública.

**Antiamericanismo nas embaixadas** - Vigados por centenas de agentes de segurança, mais de 100 mil indonésios postaram-se diante das sedes das embaixadas dos EUA e da Grã-Bretanha em Jacarta. Queimaram vários bonecos representando o presidente Bush e pediram, em coro, que ele e o primeiro-ministro britânico, Tony Blair, sejam processados por crimes de guerra.

No Chile, centenas de camponeses, políticos da oposição e universitários marcharam em frente à sede diplomática americana em Santiago. Durante a marcha, os participantes chicotearam um boneco de Bush, para depois incendiá-lo. Na Bolívia houve protestos semelhantes e no Equador e no México, atos de violência foram somados a manifestações pacíficas e lojas do McDonald's foram danificadas. Em Cartum, capital do Sudão, manifestantes jogaram pedras e garrafas contra a embaixada dos EUA.

A polícia iraniana dispersou no início de abril um grupo de manifestantes que jogava pedras e disparava rojões contra a embaixada britânica em Teerã. Cerca de 300 manifestantes marcharam até a frente da embaixada gritando "Morte ao Reino Unido" e "O Reino Unido e os Estados Unidos são os dois satãs". Como não existe uma embaixada americana na cidade, porque os dois países romperam relações pouco depois da Revolução Islâmica de 1979, a representação britânica se tornou nas últimas semanas o epicentro das manifestações contra a guerra no vizinho Iraque. No final de março um caminhão cheio de combustível foi lançado contra os portões do prédio e pegou fogo. O motorista morreu.

Em outras partes do mundo lojas fechavam em protesto como no Paquistão. "Esse é um ataque bárbaro. Condenamos e declaramos que estamos com o povo do Iraque" resumiu Sharafat Ali Mubarak, um dos líderes do movimento. A greve é o mais recente evento de uma série de manifestações que aconteceram no país, predominantemente muçulmano. Mais de 100 mil pessoas participaram de uma passeata em Lahore, centro cultural artístico e intelectual do país. Alguns carregavam retratos do terrorista Osama bin Laden e do presidente iraquiano Saddam Hussein, e até crianças gritavam slogans antiamericanos. O Paquistão, que apoiou os EUA na guerra no vizinho Afeganistão, condenou a ação militar no Iraque, mas grupos islâmicos radicais criticam o governo por não adotar uma postura mais dura sobre a invasão.

Maltratar e incendiar símbolos ligados ao império americano virou o esporte preferido dos manifestantes pacifistas. Mais de 300 mil marroquinos tomaram as ruas da capital Rabat, carregando grandes fotos de Saddam Hussein e queimaram bandeiras dos Estados Unidos. No Líbano, 50 mil manifestantes se reuniram em Beirute e outras grandes cidades do país, queimando bandeiras americanas e britânicas.

Alunos, professores, empresários e até bombeiros uniformizados somaram-se às mais de 150 mil pessoas que percorreram as principais ruas de Calcutá para exigir o fim do conflito. Queimaram várias bandeiras americanas e bonecos representando Bush. Quantos mortos por galão de petróleo. América, o maior terrorista do mundo. Parem a guerra, parem o banho de sangue, deixem a paz prevalecer. Lancem Bush, não bombas, dizem alguns cartazes carregados por ativistas.

No Japão, cerca de duas mil pessoas protestaram em várias cidades, inclusive em Hiroshima, onde manifestantes se concentraram na frente de um memorial para as vítimas da bomba atômica. A Coreia do Sul, cerca de 10 mil trabalhadores atenderam a uma convocação das centrais sindicais para uma passeata contra a guerra no centro de Seul. Eles criticaram o governo local por enviar ao Iraque engenheiros do setor de construção civil, médicos e sanitários para ajudar as forças da Coalizão.

Em Sidney, Austrália, um militante pacifista do Greenpeace se amarrou com uma corda à proa de um navio da Marinha australiana minutos depois de o premiê John Howard ter dado a ordem para que a embarcação zarparse rumo à guerra no Iraque. Até as autoridades comunistas chinesas - que consideram as manifestações públicas um perigo para a estabilidade do país - autorizaram pequenas concentrações de estrangeiros e universitários em Pequim.

No Brasil, uma pesquisa do Datafolha revelou que 90% dos brasileiros se opõem à invasão militar da coalizão anglo-americana no Iraque. Apenas 7% disseram estar a favor. Para o jornal, "a coalizão anglo-americana provocou uma quase unanimidade, raríssima na história recente da opinião pública brasileira". No Rio, a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) em conjunto com instituições estudantis, partidos políticos, a CUT, o MST e outras entidades da sociedade civil organizou a Marcha pela Paz, um ato que reuniu cerca de 20 mil pessoas.



Nova Iorque: "vidas valem mais que petróleo"



Uruguaios entraram na corrente contra a invasão no Golfo



Austrália: cidadãos desaprovaram a postura de seu premiê

# DUELO DE TIRANOS

## De cocainômano a senhor do mundo

De nada adiantaram os protestos em favor da paz que ecoaram pelo mundo, da Bolívia ao Quênia, do Brasil à Cingapura; tampouco surtiu efeito a implacável oposição liderada pela França e pela Rússia. Vestindo terno preto, camisa branca, gravata vermelha e broche com as cores nacionais na lapela, o presidente americano George Walker Bush, em tom grave e sem concessão a um sorriso, transmitiu, na madrugada de 20 de março, o recado mais ambicioso de sua carreira política: os Estados Unidos junto às forças de coalizão iniciavam a invasão do Iraque ou a II Guerra do Golfo. Encarnar o papel de líder veladamente criticado é uma marca registrada na trajetória de Bush — antes mesmo de ter começado o seu mandato.

A imagem do presidente já surgira arranhada durante a corrida pelo cargo disputado com o democrata Albert Gore. A exemplo da divulgação do *ball* de infidelidades do antecessor, Bill Clinton, o republicano não escapara de ter sua vida privada revelada. A suspeita de que usara cocaína regularmente 25 anos atrás, mexeu com os brios da sociedade americana. Muito irritado com as especulações, Bush admitiu indiretamente que usara a droga. "Meu passado passa por qualquer exame, desde que seja analisado a partir de 1974", afirmou a jornalistas. O esforço para que o assunto fosse encerrado foi em vão. Editoriais da grande imprensa, políticos do seu próprio partido e, é claro, o rival na disputa exigiram explicações acuradas. Os discursos mais indignados questionavam como o governo dos EUA poderia cogitar enviar tropas para combater o tráfico do pó na Colômbia tendo um presidente que já fora cliente assíduo dos barões da droga? Ou ainda: como Bush poderia exigir penas severas a usuários de drogas, que cometeram o mesmo crime que admitira já ter cometido?

"Se os eleitores não estiverem satisfeitos, que procurem outro candidato para votar", desafiou Bush. O argumento parece ter funcionado, pois a perda de eleitores foi insignificante. Nem mesmo a assumida condição de ex-alcóolatra abalou seu favoritismo nas pesquisas. Bush convencia a população por ser um entusiasta da moralidade. Declarava-se um "conservador com compaixão"; prometera reedificar a dignidade da Casa Branca — abalada pelos relatos das peripécias sexuais de Bill Clinton; apregoava a sua crença e da família à Igreja Metodista. Também conquistara eleitores através do plano de governo, o qual enfatizava a necessidade de reformas no sistema educacional. Para seus críticos, no entanto, Bush era um político despreparado, com forte queda a proteger os interesses da elite e da classe empresarial. Apesar de ter sido duas vezes governador do Texas, costumeiramente, encaravam-no no *métier* como uma sombra do pai, o ex-presidente americano George Bush.

**Bushinho presidente-** "Bush chega à Casa Branca nas circunstâncias menos auspiciosas possíveis", avaliou o cientista político Thomas Mann, especializado em estudos governamentais. O processo eleitoral atribulado gerou incertezas sobre a legitimidade do resultado das eleições. Na apuração, Al Gore liderava o pleito nacional, mas Bush tinha uma vantagem de 537 votos na Flórida. No sistema americano, todavia, são os votos eleitorais por Estado que apontam o vencedor. Apesar de Bush ter ganhado tecnicamente as eleições, os especialistas afirmaram que um número de votos muito próximos não permitiria qualquer conclusão. Mas após cinco semanas de recontagem das cédulas e interpelações judiciais, a Suprema Corte concedeu a vitória ao republicano — fato que diminuiu a credibilidade da mais respeitada instituição da democracia no país.

Mal botou os pés na Sala Oval, o republicano foi intensamente pressionado a mostrar-se um líder competente, capaz de organizar coalizões, bem como um eficaz programa de governo. Mesmo conformada com o resultado, a oposição estava convicta de que o texano "usurpara o poder". Segundo pesquisas dos jornais americanos, cerca de 30% da população considerava ilegítimo o resultado das eleições. Os jornais e revistas do país ficaram repletos de reportagens e editoriais apontando Bush como *chairman*, isto é, o presidente do conselho de administração de uma grande empresa. Apontaram como o homem das decisões o vice-presidente Dick Cheney, ex-deputado e ex-ministro de Defesa.

A desaceleração da economia interna criava um cenário difícil para a administração Bush. O recuo da taxa de crescimento do PIB, que culminou na queda das ações de empresas *high-tech* nas bolsas de valores, tornou-se um dos desafios mais imediatos. A opinião pública mundial também não estava nada satisfeita com sua política ambiental. A decisão de rejeitar o Protocolo de Kyoto — acordo para redução de gases poluentes na atmosfera — foi fortemente criticada pelo governo sueco e por vários países europeus. Bush defendeu-se: "O protocolo é irrealista e não conta com base científica".

Sua impopularidade, pelo menos nos EUA, só acabou depois dos ataques terroristas contra o Pentágono e o World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, momento em que assumiu uma postura intolerante na "cruzada contra o terror". Desde então, o ex-governador do Texas incorporou o objetivo de reafirmar-se internacionalmente e proteger seu país do "eixo do Mal" — formado por Iraque, Irã e Coreia do Norte — que guardariam armas de destruição massiva e financiariam grupos terroristas. Em detrimento da política voltada ao crescimento econômico, Bush destinou cerca de US\$ 40 bilhões do orçamento para aquecer o complexo industrial militar da defesa nacional.

À despeito da reprovação internacional, o primeiro alvo de toda essa potência bélica já estava definido: o Iraque de Saddam Hussein. Bush justificou o ataque preventivo: "Nós enfrentamos essa ameaça agora com nosso exército para não termos de enfrentá-los mais tarde com exércitos de bombeiros, policiais e médicos nas ruas de nossas cidades". Enquanto isso, as cidades iraquianas foram incendiadas com os mísseis mais sofisticados do mundo, ocorreram muitas mortes de civis e ressurgiu a inflamação do anti-semitismo. Além da destruição e carnificina, o saldo da Doutrina Bush, até agora — como avaliam cientistas políticos — foi a redefinição de uma nova ordem geopolítica do planeta, acompanhada de muito sentimento anti-americano.

## Nunca teve compaixão com os opositores

Há alguns anos, o ensaísta alemão Hans Enzensberger comparou Saddam Hussein a Hitler. Para o autor, o líder iraquiano teria a mesma capacidade de conduzir as massas à auto-destruição, por meio do terror e da propaganda doutrinária. Ambos foram os únicos chefes de Estado a usar armas químicas contra civis. Esta associação foi também reafirmada por historiadores contemporâneos como Joachim Fest, o mais célebre biógrafo do tirano alemão. Independente de qualquer análise de pesquisadores, o potencial destrutivo de Saddam, perpetuado entre os seus filhos, já é conhecido há muito tempo.

Antes mesmo de ocupar o poder no Iraque, em 1979, o ditador revelou seu caráter frio e calculista com os dissidentes. Implementara uma política de "purificação", através da qual assassinara dezenas de membros de seu próprio gabinete. Ao suspeitar da sua lealdade, Saddam condenava-os cruelmente à morte. Testemunhavam a cena Uday e Qusai, filhos do ditador e, atualmente, também homens de maior confiança de Saddam.

Filho mais novo do presidente, Qusai Saddam Hussein seria o provável sucessor do governo iraquiano caso a invasão do Iraque não tivesse sido deflagrada. Tendo conhecimento das pretensões de Saddam, o governo americano também incluiu em sua estratégia de guerra a captura de Qusai. Ao contrário do irmão mais velho, adotava um perfil discreto, responsável, sendo raramente visto em público.

O primogênito Uday Saddam Hussein era conhecido pela personalidade sádica e tão assassina quanto a do pai. Os planos de suceder o presidente iraquiano, porém, foram por água abaixo em 1996. Vítima de um atentado numa casa noturna, Uday ficou paraplégico. Mesmo assim, controla o patrimônio da família e diversos meios de comunicação do país. Em 1995, sob a convicção do pai, os irmãos planejaram o assassinato dos próprios cunhados, Hussein e Saddam Kamel.

**Saddam é filho dos EUA** — Saddam Hussein foi levado a atuar na esfera política pelo tio paterno, Khayralla Tulfá, oficial do exército iraquiano e defensor da liga árabe. Aos 19 anos, já estava filiado ao partido Baath, nacionalista e socialista. Graduado em Direito pela Universidade do Cairo, em 1959, Saddam tomou parte no atentado contra o poder iraquiano. Perseguido, foi obrigado a exilar-se na Síria e, posteriormente, no Egito.

Quando o Baath tomou conta do poder, em 1964, regressou ao Iraque. Quatro anos mais tarde, Saddam foi nomeado vice-presidente pelo partido. Em 1979, amparado em uma estratégia cuidadosamente planejada por uma rede policial secreta, Saddam depôs o então presidente, Ahmad Baath e adotou o tão almejado posto de Comandante Revolucionário. Fez do terror o principal suporte de seu governo.

Na mesma época, o vizinho Irã enfrentava a Revolução Xiita, liderada pelo aiatolá Khomeini. A ameaça da revolução iraniana "contaminar" os demais países do Oriente Médio fez com que os Estados Unidos adotassem Saddam como instrumento para contê-la. Amparado, na época, no quarto maior exército do mundo e munido de toneladas de armamentos, Saddam invadiu o Irã.

Entre 1980 e 1988, os Estados Unidos intercambiavam informações militares, além de enviar bombas de fragmentação, venenos químicos e produtos bacteriológicos mortais. Naquele tempo, as relações entre os dois países eram até cordiais. Durante uma reunião secreta com os funcionários de primeiro escalão do Departamento de Estado, em 1985, Saddam fez piada: "Vocês tratam o Terceiro Mundo como os camponeses iraquianos tratam suas novas mulheres: três dias de lua-

de-mel, e depois de volta para a roça".

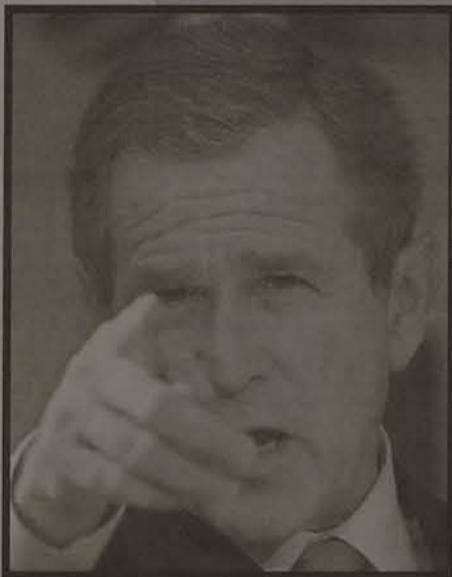
Em 1988, Saddam utilizou seu arsenal de armas químicas para atacar a minoria curda ao norte do país. Mais de cinco mil curdos foram dizimados. Dois anos mais tarde invadiu o Kuwait e, ironicamente, os EUA e a Grã-Bretanha voltaram-se contra ele. Por Saddam recusar-se a remover suas tropas do pequeno emirado, em janeiro de 1991, uma coalizão ocidental declarou a Guerra do Golfo, bombardeando a capital Bagdá. Em menos de um mês, o Iraque rendeu-se, debaixo de um severo embargo econômico e da inspeção regular de suas usinas nucleares.

**Pós 11 de setembro** — "Os Estados Unidos ceifam os espinhos que seus governantes plantaram pelo mundo", declarou Saddam nos momentos seguintes aos atentados contra as torres gêmeas e ao Pentágono. O sentimento de Saddam contra os americanos também era manifestado, indiretamente, nos meios de comunicação estatais iraquianos. No dia 20 de setembro, por exemplo, o editorial do jornal *Balbi* provocava: "Os americanos sentem agora o gostinho de seu próprio veneno". Obcecados com a idéia de que os iraquianos financiam boa parte do terrorismo contra as nações ocidentais, além de Bin Laden, os EUA procuravam meios de encurralar o presidente iraquiano — vivo ou morto.

Ciente do objetivo americano, Saddam passou a adotar uma estratégia de segurança sofisticada — mais cuidadosa ainda após a invasão do Iraque. Ninguém sabe onde ele está, ou passava as noites. Conforme informantes da Central de Inteligência Americana, evitava dormir no mesmo local por mais de três noites. Também é conhecido o artifício de recorrer a pelo menos três sócias para despistar os inimigos. A grega Parisoula Lampsos, ex-amante de Saddam por quase 30 anos, é a nova aliada dos Estados Unidos para tentar diferenciar quando as imagens dele são reais, ou apenas de mais um sócia. Parisoula conta que foi só mais uma das mulheres do ditador, que teria três esposas e seis amantes. Ela fugiu para o Líbano há mais de um ano, para se livrar das represálias do ex-amante.

Em reação à invasão do Iraque, Saddam apelava para um tom emotivo, incitando a população a lutar. "Retire sua espada sem medo, sem hesitação. Sele seus cavalos e os libere. Deixe o eco do trovão no fogo da noite. Ilumine a face da escuridão enquanto ela se torna mais profunda". Promete salvação, glória e recompensas após a batalha. "Cada um de nós, da família iraquiana, deve se lembrar que estes dias irão garantir a você sua merecida glória a Deus". Saddam abandonou a política de terror interno, mas nada indica que deu tréguas a paz. "O mundo vai sofrer as conseqüências da guerra", declarou em tom profético.

**Textos: Fernanda Menegotto**



# EUA sempre criou e derrubou ditaduras

## Boas intenções aparentes escondem interesse por reeleição, hegemonia e petróleo

A invasão ilegítima promovida por Estados Unidos e Grã-Bretanha ao Iraque, esconde mais do que o objetivo anunciado de acabar com armas de destruição em massa e tentar instaurar a democracia no país. A tomada do petróleo é apenas a motivação mais flagrante, menos importante até que o controle do centro de poder mundial, a Euroásia, diz o professor Waldir Rampinelli, do Curso de História da UFSC. A região concentra, além de 70% dos recursos energéticos conhecidos, 75% da população mundial, seis países com acesso a armas nucleares e seis das economias mais promissoras do planeta. O território iraquiano é, portanto, geograficamente estratégico na política de dominação americana.

O pretexto de libertar o povo iraquiano por meio da democracia, explica o professor, é a justificativa politicamente correta adotada para angariar apoio da opinião pública mundial. "Historicamente, sempre usaram desculpas para intervenções: o comunismo que restringiria liberdades individuais, o narcotráfico, o terrorismo", completa. Atualmente, a política externa dos EUA é vista com ceticismo. O governo americano reforçou ainda mais a desconfiança quanto às suas intenções ao comandar a campanha internacional contra a criação do Tribunal Penal Internacional (instituição que julgará acusados de crimes contra a humanidade), contra a assinatura do Protocolo de Kyoto (que trata da redução da emissão de gases poluentes) e contra o tratado anti-armas químicas e biológicas, as mesmas que, segundo Bush, justificariam a intervenção no Iraque.

O linguísta americano Noam Chomsky, famoso por criticar há décadas a política externa do governo dos EUA, adverte: "Meu país praticou atentados na Nicarágua, apoiou países terroristas como Turquia e Indonésia, respaldou Saddam no plano de aniquilação dos curdos e se aliou a Osama Bin Laden na luta contra os soviéticos no Afeganistão". Chomsky cita ainda outro dado para atacar a posição ambígua dos EUA em relação à democracia, às armas bacteriológicas e de destruição em massa. Em dezembro de 1987, a Assembleia Geral das Nações Unidas emitiu resolução condenando o terrorismo e convocando os Estados a combatê-lo. A decisão foi aprovada por maioria, mas vetada por Israel e EUA, porque havia um parágrafo que condenava a ocupação militar por potências estrangeiras, o racismo e regimes coloniais. O linguísta alerta que a causa do veto é que, na época, a África do Sul era aliada e sustentava o regime de *apartheid*.

**Regimes não-democráticos**— A Arábia Saudita, um dos maiores aliados dos Estados Unidos no Oriente Médio, é governada pela família Sa'ud, por meio de monarquia absolutista. Não há Legislativo e a lei islâmica é aplicada de forma rigorosa, inclusive obrigando mulheres a cobrir todo o corpo e proíbe que viajem sozinhas. O país, que recebe dois milhões de peregrinos muçulmanos por ano para a visita às cidades sagradas do islamismo, Meca e Medina, vive da exploração da maior reserva mundial de petróleo. Após a Segunda Guerra Mundial, o governo se alinhou aos Estados Unidos, apesar de condenar as relações americanas com Israel. Em 1991, a Arábia Saudita apóia a política externa dos EUA contra o Iraque, mas a presença maciça de tropas americanas no país estimula manifestações contra o poder absoluto dos Sa'ud. Gastos com a compra de armamentos e a queda dos preços do petróleo nos anos 80 culminaram em crise econômica, agravada pela Guerra do Golfo, em 1991. Seguindo orientações do Fundo Monetário Internacional, em 1995 o governo eleva tarifas de água, eletricidade e telefone e reduz despesas públicas. No mesmo ano, grupos fundamentalistas iniciam campanha terrorista contra a presença de forças estrangeiras no país. Estados Unidos estão cientes das condições em que vive a população (há anos mantém bases militares no país), e dos crimes praticados pelos governantes, mas nunca houve manifestação de desejo de instalar uma democracia no país.

A Líbia, país desértico do norte da África, tem no petróleo a base da economia — responsável por mais de 90% das receitas de exportação. Antes da descoberta das reservas, no final dos anos 50, era um dos países mais pobres do continente. Em 1969, o coronel Muammar Kadafi depõe a monarquia, instala ditadura militar e nacionaliza empresas estrangeiras. O governo patrocina ações terroristas no Oriente Médio e na Europa sob a alegação de apoio à causa palestina. Os americanos impõem sanções econômicas e, em 1986, bombardeiam a capital, Trípoli, para "destruir campos de treinamento terrorista". A imprensa americana denuncia a construção de fábricas subterrâneas de armas químicas, mas Kadafi nega e afirma serem sistemas de irrigação. Para diminuir a tensão, o ditador privatiza empresas, abre a economia ao capital estrangeiro e reage ao fundamentalismo islâmico. Após quase dez anos de impasse, os suspeitos do atentado são extraditados para a Holanda e a ONU suspende o embargo — que, segundo o governo líbio, causou prejuízos de mais de US\$ 23 bilhões à economia. Depois do fim das sanções, empresas italianas, francesas e britânicas fecham contratos para a extração de petróleo e gás natural. É o suficiente para que países ocidentais, incluindo os EUA, passem a ignorar a existência do regime ditatorial de Kadafi. Em 2000, desembarca a primeira delegação dos EUA a visitar a Líbia desde 1981, para tratar da "segurança dos cidadãos americanos no país".

Israel conta com o apoio dos Estados Unidos desde 1969, após a Guerra dos Seis Dias. Os israelenses permitem grande influência do capital financeiro americano e são os representantes dos interesses de Washington na região. Em cerca de 30 anos, conforme dados do professor Rampinelli, os EUA enviaram mais de US\$ 82 bilhões para compra de armamento — não inspecionado pela Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), subordinada à ONU. Israel adotou atitudes não-democráticas ao descumprir resoluções aprovadas pela ONU, como a ordem para desocupar territórios palestinos, mas é sempre poupado de punições graças aos vetos americanos no Conselho de Segurança.

A política externa ambígua dos Estados Unidos fica clara se observada a relação com a Coreia do Norte. Nos anos 90, o país torna-se foco de atenção da AIEA, que suspeita da existência de um programa nuclear militar. Em



Apoio a general Pinochet culminou em golpe, torturas e assassinatos

1994, morre o ditador Kim Il Sung, e seu filho e sucessor, Kim Jong Il, acuada pela crise econômica, assina acordo em que promete suspender o programa de mísseis balísticos em troca do abrandamento das sanções dos EUA. Em 1998, descumpra o tratado e lança míssil que cai no mar do Japão. No final de 2002, o governo norte-coreano expulsa inspetores da AIEA, retira as câmeras de monitoração e reativa a principal usina nuclear. E adverte que considera qualquer sanção uma "declaração de guerra" e está disposto a reduzir a península a uma "terra de cinzas" se Washington reforçar a presença militar na região. Saddam Hussein colabora com inspetores, destrói armas e é atacado. Kim Jong Il enfrenta os Estados Unidos, rompe o Tratado de Não-Proliferação Nuclear e recebe votos de "uma saída pacífica" da administração Bush. O professor Rampinelli afirma que isto se deve ao temor de que a Coreia do Norte possua a bomba atômica. A Agência Central de Inteligência americana (CIA) advertiu no início do ano que o país tem uma ou duas armas nucleares e um míssil não testado com capacidade para atingir a costa oeste dos Estados Unidos, outro dado não ignorado é o efetivo de 1 milhão de soldados.

**Apoio a ditaduras** — Nas décadas de 60 e 70, o mundo assistiu Washington apoiar ditaduras que utilizaram tortura e violaram todos os direitos humanos. No Brasil, Argentina e Uruguai, a aprovação foi velada, mas em países como El Salvador, Bolívia e Granada, o apoio foi explícito, inclusive com financiamentos milionários a golpes militares. No Chile, o governo socialista de Salvador Allende, eleito em 1970, nacionaliza mineradoras americanas e se torna alvo de campanha de desestabilização promovida pelos EUA. Em meio à agitação social, um golpe militar depõe Allende, que foi morto no palácio presidencial. O general Augusto Pinochet assume o poder, dissolve partidos políticos, censura a imprensa e reprime opositores. A violência brutal do regime deixa milhares de mortos, desaparecidos e exilados. Na Nicarágua, Anastasio Somoza ganha as eleições presidenciais em 1936 e governa com mão de ferro por 20 anos, sucedido por filho e sobrinho — que, após um terremoto, desvia ajuda internacional destinada à população para os cofres da família. Para combater a ditadura, o marxista Carlos Fonseca funda a Frente Sandinista de Libertação Nacional. Em 1978, o assassinato do jornalista Pedro Chamorro é o estopim da insurreição contra o somozismo, liderada pelos sandinistas. Os guerrilheiros derrotam a Guarda Nacional, assumem o poder, expropriam os bens da família Somoza e estabelecem a economia. Em 1981, os EUA acusam os sandinistas de apoiar a guerrilha esquerdista de El Salvador, suspendem a ajuda econômica e financiam paramilitares para derrubar o governo. A vitória do sandinista Daniel Ortega nas primeiras eleições pós-revolução, em 1984, não é reconhecida pelos EUA, que decretam embargo total à nação em 1985.

Em dezembro de 1998, o coronel Hugo Chávez Frias, fundador de um movimento nacionalista que exige a revisão da política econômica e o combate à corrupção é eleito presidente com 56% dos votos. O professor Rampinelli diz que os EUA, após patrocinarem intensiva campanha anti-Chávez veiculada pela televisão, disponibilizaram infra-estrutura para depor o presidente. "O golpe fracassou por inexperience dos golpistas e revolta do povo, que desceu o morro, rodeou o palácio e exigiu a volta do presidente", completa. O apoio não foi assumido pelos americanos. Para o professor, a presença de aviões que socorreram os golpistas e declarações de altos funcionários do governo americano são evidências da ajuda americana.

**Democracia em risco** — O relatório da ONU *Aprofundando a democracia em um mundo fragmentado*, de 2002, afirma que a crescente desigualdade social e a corrupção colocam em risco a democracia instaurada recentemente em vários países. O documento revela que, das 81 nações que avançaram para a democracia nos últimos 20 anos, só 47 conseguiram mantê-la. Dos 200 países investigados, 140 escolhem seus governantes por eleições multipartidárias, mas apenas 82 nações podem ser consideradas democracias plenas, com todos os grupos representados no poder. Sakiko Fukuda-Parr, redatora-chefe do relatório, diz que a construção da paz global está comprometida e justifica citando as 38 "operações de paz" executadas desde 1990, em comparação com as 16 ocorridas entre 1946 e 1989.

O péssimo desempenho de alguns países coincide com governos autoritários ou situações de conflitos internos, principalmente na África Sub-Sahariana, com intervenção de exércitos nacionais em assuntos políticos em um quarto dos países desde 1989. É o caso da República Democrática do Congo, foco de tensão desde a rebelião que derrubou a ditadura de Mobutu Sese Seko, em 1997. O novo homem forte do país, Laurent Kabila, enfrenta insurreição dos antigos aliados. A intervenção militar de nações vizinhas prolonga a guerra civil. Apesar dos cerca de 2 milhões de mortos em dois anos, os americanos não demonstram anseios de instalar a democracia no Congo. Na costa oeste africana, Serra Leoa, uma das nações mais pobres do mundo, sofre com a instabilidade política desde meados de 1990, quando o país mergulhou na guerra civil entre governo e Frente Revolucionária Unida. Em 1997, um golpe militar liderado pela FRU depõe o governo, proíbe partidos políticos e suspende a Constituição. Por protesto ou por receio, Estados Unidos fecham a embaixada no país, abandonando os habitantes a própria sorte. O presidente deposto reassume o governo em 1998 e decreta estado de emergência — o que lhe permite prender 2 mil acusados de colaborar com o regime militar. O líder da FRU é condenado à morte e guerrilheiros reagem com terrorismo contra a população civil, promovendo amputações em massa. Também em Serra Leoa, destituída de reservas de petróleo e de grande arsenal bélico, não parece haver interesse americano de livrar a população da ditadura sangrenta.

**Modelo ocidental** — "É necessário questionar o modelo ocidental de democracia", diz o professor Rampinelli. Para ele, a democracia americana não é exemplo para o mundo, já que a maioria da população não participa da escolha dos governantes. Além disso, acrescenta que a posição neo-macarthista de Bush assume um caráter amistosamente fascista.

A destituição do embaixador brasileiro José Maurício Bustani, em abril de 2002, do cargo de diretor-geral da Organização para a Proibição das Armas Químicas (OPAQ) por pressão unilateral dos Estados Unidos seria um exemplo de medida não-democrática, em prol de interesses particulares. Os americanos alegaram má administração de Bustani, mas especialistas defendem a gestão e afirmam que os EUA eram contra a tentativa de tornar a organização ampla e incluir países como Iraque e Líbia. Em entrevista concedida no ano passado à BBC, Bustani afirma que após sua demissão houve reestruturação do orçamento da organização, para privilegiar países com grandes indústrias químicas (relegando-os a um segundo plano), aumentando inspeções em países do hemisfério sul, onde empresas químicas representam menor perigo. "A receita americana é dar informações sobre outros países e fingir que inspeciona os Estados Unidos", declara Bustani, para quem a OPAQ está morrendo. "A culpa é dos Estados Unidos, que não têm interesse em fazer vingar uma organização multilateral". Bustani diz que a crise da OPAQ começou com a posse do republicano linha-dura John Bolton como subsecretário para Assuntos de Armamento e Proliferação. "Bolton diz que se o prêmio das Nações Unidas perdesse dez andares, não haveria a mínima diferença.", conclui.

**Vira-casaca** — O mesmo Saddam, que hoje é a personificação do mal para o Bush, chegou ao poder com ajuda dos Estados Unidos e, quando aliado, foi armado por eles. Os tratados com Saddam Hussein começaram antes mesmo do apoio ao regime iraquiano na guerra contra o Irã, na década de 80. Há 40 anos, sob o comando do presidente John Kennedy, a CIA patrocinou a mudança de regime do Iraque, em colaboração com Grã-Bretanha e Israel. Em 1963, a ameaça estava materializada na figura do general Abdel Kassem, que cinco anos antes depusera a monarquia iraquiana aliada ao Ocidente. A permanência do general se tornou inconveniente quando propôs desafiar o domínio americano na região, ameaçando interesses petrolíferos do Ocidente, comprou mais armas para rivalizar com o arsenal de Israel e retomou a rixa contra o Kuwait. Em 1963, os conspiradores deram o golpe, destituíram e fuzilaram Kassem. Washington imediatamente apoiou o regime sucessor, comandado pelo partido Baath (do qual Saddam, então com 25 anos, era membro), e enviou armas ao novo governo. Logo companhias como Mobil e British Petroleum estavam negociando com Bagdá. Este episódio é uma demonstração de porque agora é difícil acreditar nas "boas intenções" dos Estados Unidos, "preocupados" com a proliferação de armas de destruição em massa — não-encontradas — e com a democracia.

Marcela Campos

## Doze anos de embargo tiraram a vida de milhares de crianças

Há doze anos a população iraquiana vive as consequências do embargo econômico imposto ao país pela ONU. Elaboradas para serem uma resposta à invasão do Kuwait pelo Iraque, antes mesmo da Guerra do Golfo começar, as sanções econômicas proibiram o país de exportar petróleo e de efetuar quaisquer importações não autorizadas pela ONU. Desde a imposição, as condições de vida caíram acentuadamente: em 1999, quatro de cada dez crianças sofriam de desnutrição. Cerca de 70% das mulheres iraquianas tinham anemia, o preço dos produtos essenciais chegou a aumentar cerca de 850 vezes e 83% das escolas precisavam de reparos. Os dados são de relatório produzido em 1999 por um Painel Humanitário conduzido pela ONU, que pretendia investigar os efeitos do embargo comercial.

A economia iraquiana depende do petróleo. No auge da prosperidade, em 1980, chegou a exportar US\$ 26 bilhões em combustível. Após o embargo, o país assistiu progressivamente a deterioração da sua infra-estrutura. Apenas 41% da população tinha acesso regular à água tratada em 1999. O abastecimento de eletricidade do país também foi afetado, já que a maior parte das estações de energia bombardeadas na Guerra do Golfo ainda não havia sido reconstruída. Por falta de capacidade de produção, Bagdá chegou a sofrer quatro horas de corte de luz por dia. As escolas chegavam a abrigar 4500 alunos, quando tinham capacidade para apenas 700, e não tinham fundos para os reparos.

O sistema de saúde foi desmantelado. Os hospitais estavam sem manutenção desde a Guerra do Golfo. A capacidade de atendimento diminuiu em decorrência dos vários períodos sem água e energia elétrica e, doenças já erradicadas nos anos 80 voltaram a atacar a população. Os casos de cólera, sem registros em 1989, saltaram para 825 em 1993 e atingiram um pico de 2.398 casos em 1999. Relatório produzido há quatro anos pela Unicef mostra que a mortalidade infantil, que entre 1984 e 1989 era de 56 para cada mil nascimentos, dobrou para 131 em 1999. Para o governo de Saddam Hussein, mais de 1,5 milhão de crianças morreram em decorrência dos efeitos das sanções.

O coordenador humanitário da ONU no país, Dennis Halliday demitiu-se do cargo em 1998, explicando que "as sanções eram um dispositivo brutal e desumano". Em março de 2000, foi o seu sucessor, Hans von Spoenek, que também se afastou, denunciando a aberração do embargo que agrava os sofrimentos de 22 milhões de habitantes.

**Petróleo por alimento** - Preocupada com as consequências do embargo na vida dos iraquianos, a ONU aprovou, em abril de 1995, o programa Petróleo por Alimento, como uma "medida temporária para atender as necessidades humanas da população iraquiana". Através da resolução 986, o Iraque poderia exportar quantidades limitadas de petróleo com o objetivo de adquirir mercadorias que atendessem às necessidades da população.

No início do programa, foi permitido exportar um valor de US\$ 2 bilhões em petróleo a cada seis meses, com dois terços dessa quantidade destinados para resolver os problemas humanitários do país. Em 1998, o limite aumentou para US\$ 5,26 bilhões a cada seis meses e, em dezembro de 1999, foi removido pelo Conselho de Segurança. O programa foi suspenso no início desse ano, mas antes havia sido expandido e abrangia 24 setores. Além de comprar comida e remédios, era permitido ao Iraque investir em setores como educação, transporte, eletricidade, água e saneamento básico.

Acordos prevendo a troca de petróleo por comida já haviam sido propostos pela ONU em 1991, mas não foram aceitos por Saddam Hussein, por acreditar que alguns artigos feriam a soberania do país. EUA e Grã-Bretanha alegam que a recusa do país em aceitar o programa na época é a causa da situação dramática em que se encontra o povo iraquiano, e não as sanções econômicas. Essa afirmação é rebatida pela Campanha Internacional Contra as Sanções no Iraque, com o argumento de que o embargo é instrumento de punição e coerção, que usa a fome e a miséria como arma em potencial para forçar a submissão de países.

A campanha faz outras críticas ao posicionamento da ONU na questão do Iraque. Afirma que o Petróleo por Alimento, criado como medida temporária, não deveria substituir uma estruturação da economia iraquiana, o que vinha acontecendo.

Estima-se que 60% dos iraquianos vivia, em 1999, na dependência das doações de alimentos feitas por Saddam Hussein. Além disso, os que lutam pelo fim do embargo afirmam que o programa não pode ser considerado ajuda humanitária, pois todos os fundos advêm do Iraque e de suas riquezas naturais.

Dois dias após o início dos bombardeios no Iraque e a consequente suspensão do Petróleo por Alimento, o Conselho de Segurança se reuniu para discutir ajustes ao programa, propostos por Kofi Annan, secretário-geral da ONU. Annan disse a jornalistas que durante as discussões informais do dia 21 de março, o Conselho "concordou que os suprimentos disponíveis, especialmente os oriundos do programa Petróleo por Comida, devem ser usados para aliviar a situação difícil do povo iraquiano". Também concordou que os recursos naturais do Iraque pertencem aos iraquianos e devem estar disponíveis para eles.

Jeanne Callegari



# OURO NEGRO

### é a motivação real para criar uma guerra cuja maior vítima foi a população

A discussão no Conselho de Segurança da ONU sobre a inspeção de armas e retaliação contra o governo de Saddam Hussein, protagonizada por Rússia, França, China, Alemanha e Estados Unidos teve destaque diário nos jornais de todo o mundo. Mas o conflito não é recente. Esses países representam os interesses das companhias petrolíferas que disputam a concessão para explorar o subsolo iraquiano. A ExxonMobil (Estados Unidos) lidera a briga contra a Lukoil/Slavneft (Rússia), Total Fina Elf (França) e outras empresas da China, Índia, Itália, Vietnã e Argélia que possuem concessões desde a Guerra do Golfo em 1991, e temem que os acordos firmados com Saddam sejam anulados. Devido às sanções da ONU nenhuma empresa pôde colocar as mãos no petróleo iraquiano ainda, e com a possibilidade do governo de Bagdá ser derrubado talvez nunca consigam.

Impor democracia e livrar o mundo de um ditador como Saddam são os "objetivos nobres" anunciados por George Walker Bush, mas são ofuscados pelos motivos não enfatizados pelo governo americano de querer o controle não só da segunda reserva de petróleo do mundo quanto da maior bacia hidrográfica do Oriente Médio. Que Saddam utilizou armas químicas e biológicas o mundo já sabe desde 1986, quando a ONU publicou relatórios condenando o uso de armas químicas contra o Irã. Em 1991, George Bush, o pai, teve a oportunidade de tirar Saddam do poder e preferiu não fazê-lo.

Quaisquer que sejam as razões políticas declaradas à imprensa para justificar a invasão, o objetivo de Washington quanto ao petróleo iraquiano é claro: o Relatório Nacional de Política Energética dos Estados Unidos de 2001 já pedia prioridade para facilitar o acesso americano ao petróleo do Oriente Médio.

Os Estados Unidos precisam de 20 milhões de barris de petróleo bruto por dia e o Iraque sozinho possui 10% de todas as reservas mundiais. Durante a atual recessão mundial e a situação instável nos países do Golfo os americanos se vêem sem garantias de suprimento, e a possibilidade de uma elevação no preço do petróleo aumentaria a dívida externa e prolongaria a recessão nos Estados Unidos. O controle das reservas iraquianas seria a solução para os problemas de Washington, que poderia controlar a alta dos preços na OPEP, o que hoje é feito pelos sauditas.

O plano do governo Bush para o Iraque é uma administração semelhante à que o Japão sofreu logo após a Segunda Guerra Mundial, sob o comando do general Douglas MacArthur, de 1945 a 1952. Isso facilitaria o acesso

para o petróleo e justificaria os custos com 350 mil soldados necessários para a invasão. No entanto desta vez o novo governo não terá um apoio como o do então imperador japonês Hirohito.

Enquanto grandes companhias européias como a British Petroleum e a Royal Dutch Shell se preparam para gastar mais de 2 bilhões de euros em combustíveis renováveis como hidrogênio nos próximos três anos, os americanos decidiram cavar novos poços de petróleo no Alaska e iniciar uma guerra para tentar controlar o Golfo Persa. Alguns analistas profetizam que o próximo alvo depois do Iraque será a Arábia Saudita e sua família real, enquanto outros falam no Irã, um dos países classificados pelo governo Bush como integrantes do "eixo do mal".

De seu lado, a ExxonMobil mal pode esperar para começar a explorar o subsolo iraquiano, segunda maior reserva de petróleo mundial depois da Arábia Saudita e continua assim seu compromisso com os combustíveis fósseis sem qualquer esforço para fazer a transição para fontes de energia renováveis como estipula o Protocolo de Kyoto.

Bush não prevê, porém, que um conflito em uma região politicamente instável como o Golfo Persa pode não ter apenas as consequências que seus estrategistas esperam. Vale lembrar que as últimas três recessões econômicas mundiais começaram com uma crise no Oriente Médio seguidas por uma alta do petróleo. Uma tentativa desesperada do Iraque, de atacar os poços na Arábia Saudita ou Kuwait, como fez durante a retirada na Guerra do Golfo em 1991, ou uma revolta em Riad seria o suficiente para abalar a frágil monarquia desses países, afetar a produção e aumentar o preço do petróleo. Conforme aconteceu com o Irã durante a revolução de 1979, quando a produção caiu de 6 milhões de barris para 3 milhões por dia e nunca mais voltou a ser o que era, o mesmo pode ocorrer com a Arábia Saudita, principal fornecedora de petróleo aos americanos. "A crença de que a invasão no Iraque produzirá um Oriente Médio mais estável, e dará ao Ocidente acesso fácil à sua riqueza petrolífera, é perigosamente simplista" escreve Anthony Sampson, autor de *Sete irmãs* livro sobre as principais companhias petrolí-



feras no mundo.

**Colômbia e Venezuela** - De maneira semelhante, a atuação do governo americano na América Latina é por vezes movida por interesses relacionados à indústria petrolífera. No caso colombiano, a ajuda dos EUA voltou-se francamente para seus próprios interesses. Soldados colombianos estão concentrando seus esforços na proteção do oleoduto de quase 800 quilômetros de extensão que atravessa a parte leste do país e transporta diariamente 100 mil barris de petróleo bruto para a Occidental Petroleum, de Los Angeles. Dois mil soldados das Forças Armadas Colombianas serão treinados pelos americanos neste ano com esta finalidade.

O governo americano justificou o envio de US\$ 276 milhões para a Colômbia como sendo uma campanha de aparelhamento do exército para combater o narcotráfico. O tráfico de drogas na Colômbia movimentou, por ano, de US\$ 5 bilhões a US\$ 7 bilhões, superando os lucros do café e do petróleo, que arrecadam cerca de US\$ 2,5 bilhões anualmente. Na região tropical ao sul, mais de 300 mil agricultores vivem do cultivo da coca, sendo que 80% da cocaína encontrada no mundo provém da Colômbia. Os Estados Unidos assumiram um papel direto no financiamento, treinamento e direção de operações de contra-insurgência das forças militares e paramilitares colombianas.

As campanhas anti-drogas concentraram-se nas áreas controladas pelas FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), ignorando completamente as regiões onde os paramilitares tinham mais influência. Todas as táticas adotadas para conter o avanço das FARC falharam, a guerrilha continua seu controle sobre quase metade do país e não há mais negociações para um cessar-fogo.

O oleoduto é alvo fácil para atentados cometidos por grupos guerrilheiros colombianos, que, ao lado de grupos paramilitares, estão incluídos na lista de grupos terroristas do governo Bush. Para justificar o envio de dinheiro e tropas para a Colômbia, os assessores diretos e diplomatas incumbem-se de influenciar a comunidade internacional. Com isso em mente, chegaram até a comparar as FARC com o Taleban, e Marulanda, chefe supremo das FARC, com Bin Laden.

A mudança na política externa americana na América Latina, principalmente Venezuela e Colômbia, aconteceu devido ao interesse americano de diversificar e expandir as fontes de importação do petróleo. Conforme relatório divulgado em 2002 sobre a administração de energia, isso reduziria a dependência americana do petróleo árabe. A aproximação de uma guerra com o Iraque e a consequente redução na produção local torna esta diversificação ainda mais importante para os Estados Unidos.

Se na Colômbia os Estados Unidos estão ajudando um Estado cliente a erradicar movimentos de insurgência popular, na Venezuela está tentando

criar um movimento civil para provocar um golpe. Essa é a opinião de James Petras, escritor chileno, filósofo e defensor dos direitos humanos como de analistas de bom senso.

No dia 11 de abril a oposição civil tentou um golpe mal sucedido contra o presidente venezuelano Hugo Chávez, tirando-o do poder por 28 horas. Nesse tempo Washington apressou-se em reconhecer o novo governo como legítimo. O FMI, que assiste impassível o desespero argentino, garantiu que "daria toda a ajuda necessária ao novo governo". Ao menos um militar norte-americano foi visto na sede do Comando Militar na noite do golpe e segundo a revista Newsweek de dezembro os generais Ramirez Poveda e Efraín Velasco estiveram em Washington, atrás de apoio para um golpe. O contra-golpe apoiado pela população veio logo depois reinstaurando Chávez ao poder.

Chávez tem desafiado Washington em vários casos: reorganizou a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) criando um aumento do preço no mercado mundial, visitou governos inimigos dos americanos (Iraque, Líbia e Cuba), opôs-se à intervenção militar americana no Afeganistão e ao Plano Colômbia, proibiu que os Estados Unidos usassem o espaço aéreo venezuelano e, por fim, descartou a implementação imediata da ALCA. Somando-se esses fatores, não é segredo que Washington adoraría ver um presidente mais afável na Venezuela, o quinto maior produtor mundial de petróleo.

**História do conflito** - O petróleo iraquiano já passou por várias mãos. Dos turcos otomanos, aos ingleses, alemães, franceses e por fim aos americanos até 1972 quando a Iraque Petroleum Company foi nacionalizada. As concessões às empresas estrangeiras no Golfo, que datam do começo do século XX, transformaram-se no principal símbolo do colonialismo ocidental. Em março de 1951 ocorreu a primeira estatização na região, o parlamento iraniano nacionalizou os negócios da Anglo-Iranian no país.

Temendo que a nacionalização da indústria petrolífera iraniana servisse de exemplo para os demais países da região, os Departamentos de Estado, da Defesa e do Interior publicaram em 1953 documento que avaliava ser o petróleo a principal fonte de renda dos países do Oriente Médio. "A sobrevivência econômica e política [desses países] depende do preço e dos termos em que se produz o petróleo" foi o diagnóstico. As atividades das companhias americanas nesses países são, "por todos os motivos de ordem prática, instrumentos de nossa política externa com relação a esses países. O que fazem, e como fazem, determina a força dos nossos laços com os países do Oriente Médio, e nossa capacidade de resistir à influência e à expansão soviética na região". A idéia do documento era de que os interesses das companhias e os do governo americano eram os mesmos, o que oficializava uma política externa imperialista. Já naquela época uma desculpa foi usada para ignorar os interesses que os povos locais pudessem ter sobre sua própria riqueza.

Ainda em 1953, quando os fundamentalistas islâmicos do Irã se recusaram a negociar as concessões para a extração do petróleo iraniano. O então presidente Eisenhower autorizou a CIA a financiar a revolta que derrubou o primeiro-ministro, Mohammed Mossadegh. Com isso voltou ao trono o xá, Reza Palevi, mais amigável aos interesses das companhias americanas. Consequentemente, o xá retornou o favor, abrindo um novo consórcio para a exploração do petróleo no país.

Na década de 70 as relações entre empresas, governo americano e governos locais sofreu uma mudança. As empresas passaram a perseguir seus próprios interesses comerciais em vez de agir como embaixadores de Washington. O governo americano percebeu que precisava tomar uma atitude mais direta nas negociações entre Israel e países árabes, para ao menos reduzir a tensão ente os dois lados. Os governos locais também procuraram ir atrás de seus próprios interesses, como o xá do Irã fez quando liderou a luta dentro da OPEP para aumentar o preço do petróleo. Não durou no poder com sua sanguinária ditadura. Tinha desafiado Washington que agora apoiava em Khomeini.

## Caos nos hospitais expõe despreparo dos EUA no pós-guerra

"Que diabos, meu trabalho não é contê-los", respondeu um jovem soldado americano a um repórter da agência de notícias Reuters. O *marine* acendeu um cigarro e simplesmente contemplou a cena. "Esses iraquianos ferrados vão roubar qualquer coisa que conseguirem. Olhe isso". A cena que atemorizava os cidadãos de Bagdá e até os líderes políticos do Ocidente trazia tumulto, desespero e insegurança. Enquanto as tropas da Coalizão ainda tentavam debelar os últimos focos de resistência espalhados pela cidade, milhares de pessoas invadiam lojas, fábricas, escolas e prédios públicos para levar tudo o que conseguissem.

Na confusão, vivos e mortos lotavam os hospitais, que não têm mais condições de receber pacientes. A maioria dos que chegam são vítimas de disparos e bombardeios dos americanos. Em um hospital, os mortos estão sendo enterrados no jardim. Nas portas do Centro Médico Saddam (SHC), o maior da capital iraquiana, pessoas com feridas ainda abertas esperam ser atendidas. Além disso, há corpos nas ruas e dentro de um caminhão frigorífico estacionado nas proximidades.

Numa situação *nonsense*, os médicos apontavam armas para se defender dos saques generalizados, que atingem até os hospitais. Nos "arrastões", foram levados desde medicamentos, camas e fios elétricos até aparelhos médicos. Um dos correspondentes da BBC em Bagdá, Andrew Gilligan, viu um monitor cardíaco e incubadoras sendo retirados de um hospital, junto com todos os equipamentos que pudessem ser removidos. Ele também viu uma pessoa acusada de promover saques ser espancada até a morte.

Um dos hospitais pilhados foi o Al-Kindi, o principal centro médico do nordeste de Bagdá. Enquanto outro hospital, o Medical City, estava cercado por homens armados o Al-Kindi contou com a intervenção divina. O líder religioso Abbas Al-Zubaidi, enviado pelas autoridades religiosas xiitas do sul de Bagdá, ficou na entrada do hospital para evitar novos saques. Até convenceu alguns saqueadores a devolver remédios e equipamentos roubados.

Um médico do SHC, que dormiu dez horas em dez dias, informou que "não há muito a fazer" e que apenas os pacientes com ferimentos de bala estavam sendo atendidos. Sua palavra é endossada pela Cruz Vermelha, que duvida que algum hospital de Bagdá ainda esteja operando. Faltam água, eletricidade, remédios e médicos, enfermeiros e outros funcionários deixam de ir ao trabalho devido ao temor gerado pelos bombardeios e ataques nas cidades. O SHC tem apenas 10% do pessoal na ativa. Muitas clínicas e hospitais menores fecharam as portas por medo de ataques.

"Isto significa que as pessoas não possuem neste momento acesso a tratamento médico. Isso é muito sério", disse Nada Doumani, porta-voz da Cruz Vermelha. Ela lembrou que as forças americanas tem obrigação, segundo a Convenção de Genebra, de manter a ordem nas áreas controladas. O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, afirmou que não havia nenhum governo em funcionamento no Iraque e que a situação de anarquia deveria ser uma preocupação prioritária das forças de ocupação.

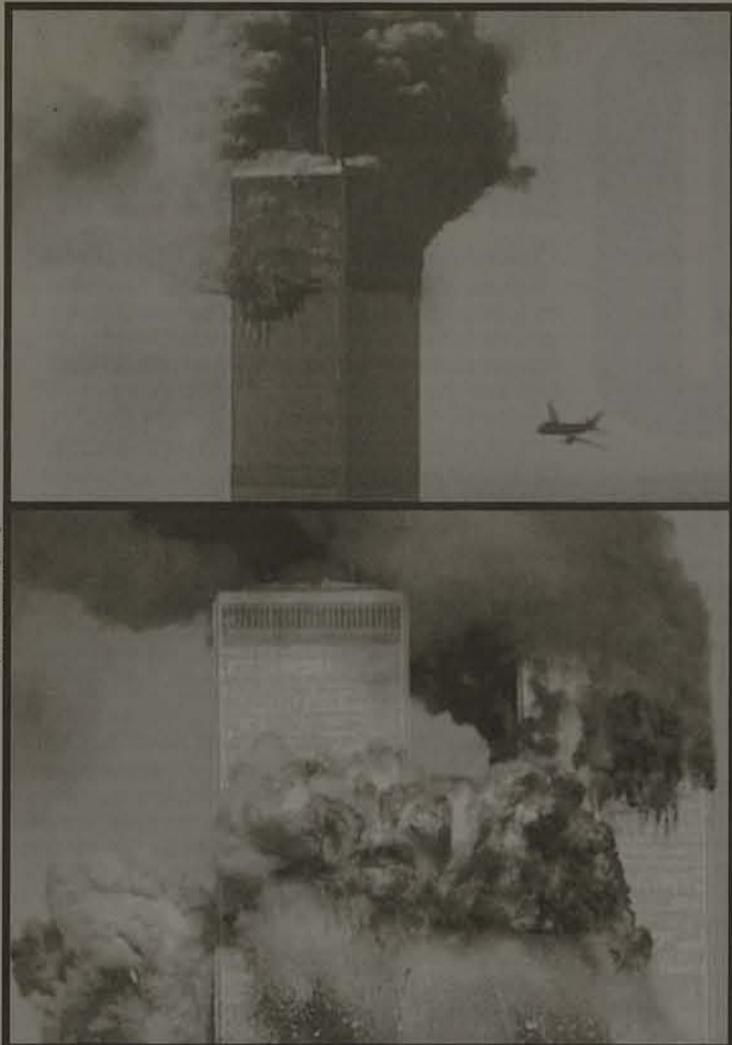
A Anistia Internacional divulgou em nota que os invasores devem assumir suas responsabilidades e fazer tudo que esteja a seu alcance para proteger o direito à liberdade e assegurar o mínimo de bem estar aos iraquianos. Devido ao caos, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha anunciou no dia 9 de abril a suspensão temporária de suas atividades em Bagdá. Um funcionário canadense morreu vítima do fogo cruzado. Valche Arslanian, de 48 anos, era um especialista em logística e teve seu carro baleado num bairro do leste da capital iraquiana.

Wendel Martins



Ismael Abbas: perdeu toda família e comoveu o mundo

Falah Kriebler/Reuters



Décadas de domínio econômico, político e ideológico sobre o mundo deixaram os EUA muito à frente de qualquer outro país. Mas também geraram revolta e ódio, que explodiram em 11 de setembro de 2001



Um dos três belicistas de Bush Jr.

## Paul Wolfowitz é o mentor da doutrina Bush

Paul Wolfowitz é subsecretário de Defesa do governo americano desde março de 2001, quando assumiu após indicação de George Walker Bush. Em sua terceira passagem pelo Pentágono, é um dos formuladores das estratégias adotadas pelo presidente. Foi Wolfowitz que, apenas quatro dias depois do atentado ao World Trade Center, convenceu Bush da necessidade de invadir o Iraque. Ele já havia defendido, em 1991, que as forças americanas no Iraque ocupassem Bagdá, mas Bush, o pai, então presidente, vetou essa estratégia.

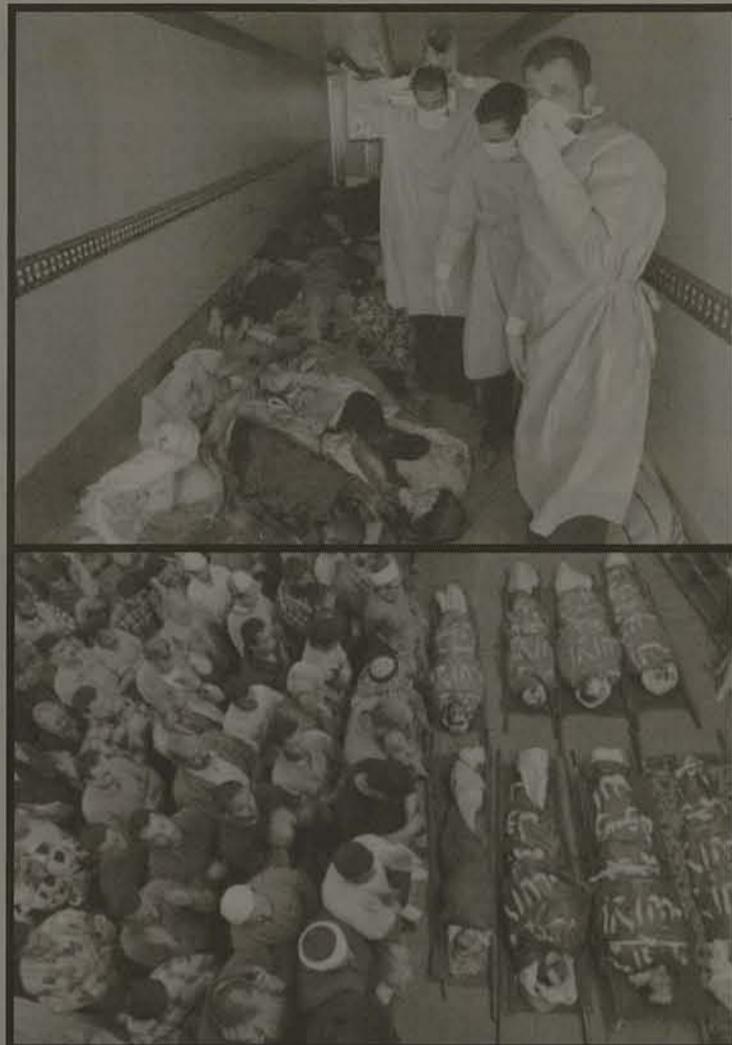
De 1989 a 1993, Wolfowitz foi subsecretário de Defesa para Política. Uma de suas funções era reformular a política externa dos EUA após o fim da guerra fria. Ele ajudou a elaborar o Guia de Planejamento de Defesa de 1992, um documento contendo linhas de conduta para a postura militar americana em relação ao mundo, que defendia que os EUA devia usar força militar para prevenir provocações de países com armas de destruição em massa. Dizia ainda que, se necessário, o país deveria estar preparado para agir sozinho. Quando o documento vazou para a imprensa, foi reescrito e atenuado por Dick Cheney, então secretário de Defesa e hoje vice-presidente.

A equipe de política de Wolfowitz esteve envolvida na revisão dos planos de guerra para o conflito do Golfo. A equipe também desenvolveu e executou planos que obtiveram mais de US\$ 50 bilhões de apoio financeiro entre os aliados para a guerra e evitaram que o Iraque abrisse uma segunda frente de batalha com Israel.

Wolfowitz já havia trabalhado no Pentágono como secretário-assistente de Defesa e Programas Regionais (1977-80), onde ajudou a criar a força que mais tarde tornou-se o Comando Central dos EUA e iniciou o Pré-Posicionamento Marítimo, a espinha dorsal, 12 anos mais tarde, da operação "Escudo do Deserto". Também trabalhou na Agência de Desarmamentos e Controle de Armas (1973-77) e lecionou Relações Internacionais entre 1970-73 na Universidade de Yale e, em 1981, na Universidade John Hopkins. Escreve sobre estratégia nacional e política externa e membro do grupo de consultas das publicações *Foreign Affairs* e *National Interest*.

Nos anos 90, Paul Wolfowitz e colegas escreveram uma série de textos para a revista *Weekly Standard*, editada por William Kristol durante o governo Clinton. Os textos faziam parte do projeto "Para um novo século americano". Em seu governo, Bush colocou quase todas as idéias em prática, incluindo o repúdio ao tratado de limitação de mísseis antibalísticos com a Rússia e o aumento progressivo do orçamento militar.

Jeanne Callegari



Três semanas depois de iniciada a invasão americana, mais de 8500 já haviam morrido, contra 3 mil vítimas em 11 de setembro. Eram tantos corpos (acima) que muitos acabaram em um caminhão frigorífico

## Invasão ao Iraque vitima cinco vezes mais que WTC

Se a máxima popular diz que "em uma guerra não há vencedores", o número de perdedores no Iraque continua aumentando mesmo após a tomada de Bagdá. Foram mais de 8.500 iraquianos mortos, entre 2.380 civis e 6.580 soldados. O número de vítimas civis, mortas ou feridas pelos bombardeios americanos, parece ser o aspecto mais controverso da guerra contra o Iraque. Interesses do Pentágono e do ministério da Defesa iraquiano interferem de tal forma nas informações divulgadas que é impossível confiar em dados oficiais – em alguns casos, números apresentados diferem em mais de quatro mil mortos. Nenhuma instituição imparcial (papel em tese representado por agências de notícias, entidades de ajuda humanitária, como a Cruz Vermelha e pela Organização das Nações Unidas) dispõe de dados concretos sobre custo do conflito em vidas humanas. Hospitais mal têm estrutura para atender os feridos, quanto mais para organizar um registro dos internos.

Sítios como *Iraqometer.com* e *Iraqbodycount.net* mantêm uma contagem dos mortos na guerra baseados em notícias publicadas por grandes organizações jornalísticas como BBC, *The New York Times* e Fox News. Esta monitoração exclusiva faz com que sejam uma espécie de autoridade em fatalidades. John Sloboda, o britânico responsável pelo *Iraqbodycount.net*, diz que o endereço recebe 100 mil visitantes por dia, além de ser mencionado com frequência em jornais como *The Boston Globe* e *San Jose Mercury* e nas notícias da agência Associated Press. A regra é registrar no banco de dados todo incidente registrado por duas fontes. O sítio traz tanto os menores quanto os maiores números relatados como forma de burlar estimativas divergentes divulgadas pela imprensa. No dia 24 de abril, a estimativa era de pelo menos 1933 e, no máximo, 2380 civis iraquianos mortos. Quando há informações disponíveis, o sítio traz também detalhes sobre as vítimas – quem foi morto, onde, quando e como.

O ministério da Defesa dos Estados Unidos informa que houve 125 mortes de militares americanos, 31 de britânicos, três desaparecimentos de soldados aliados, além de mais de 500 feridos. As prisões de militares iraquianos somam 9200. O governo de George Walker Bush não divulga qualquer número de mortos iraquianos – nem de soldados, nem de civis. Alega que é "impossível contabilizar o número total de mortos por causa da destruição promovida pelas bombas" – que se não deixam pedra sobre pedra, o que dizer de ossos humanos. Especialistas americanos informaram ao jornal *USA Today* que o número de iraquianos mortos passou de 3 mil só na invasão à Bagdá. Até o final da guerra, estimam que entre 10 mil e 15 mil iraquianos terão suas vidas.

A invasão ao Iraque, considerada por cientistas políticos e pela opinião pública como parte da revanche americana ao atentado de 11 de setembro ao World Trade Center, já superou, em muito, o número de mortes provocadas pelo ataque terrorista. Discípulos de Osama Bin Laden foram responsáveis pela morte de 3420 pessoas. Só na investida contra o Afeganistão, na tentativa de capturar Bin Laden e derrubar o Taleban do poder, americanos mataram entre 3068 e 3587 civis.

Marcela Campos

## Morte no coração de NY é pretexto para a guerra

No dia 11 de setembro de 2001 os EUA sofreram o maior ataque terrorista de sua história. Aviões comerciais foram usados como armas nas ações que mataram mais de 3.000 pessoas. Os alvos escolhidos para os atentados simbolizavam o poder econômico e militar americano: as torres gêmeas do World Trade Center em Nova York e o prédio do Pentágono, em Washington. Osama Bin Laden, líder extremista confessou posteriormente a autoria dos ataques.

Com 18 minutos de intervalo, dois aviões atingiram as torres gêmeas do World Trade Center, de 110 andares, localizado no coração do distrito financeiro de Nova York. As duas torres, em chamas, desabaram menos de uma hora depois. O primeiro avião da American Airlines, e o segundo, da United Airlines, tinham como destino Los Angeles. Morreram 2.811 pessoas; entre elas, cinco seqüestradores em cada avião.

No mesmo dia, um terceiro avião foi lançado contra o Pentágono, sede do Ministério da Defesa e do comando das forças armadas do país, nos arredores de Washington. Morreram 125 pessoas que estavam no prédio e 64 no vôo da American Airlines, incluindo cinco seqüestradores. Um quarto vôo foi seqüestrado, mas caiu na Pensilvânia antes de atingir seu destino, provavelmente a Casa Branca. Nesse vôo, 40 pessoas e quatro seqüestradores morreram.

O número total de mortos, desaparecidos ou supostamente mortos nos ataques de 11 de setembro a Washington, Nova York e Pensilvânia é de 3420. Apesar de a maior parte dos mortos ser composta por cidadãos norte-americanos ou residentes no país, houve ainda vítimas de 36 outras 36 nações.

Jeanne Callegari

### MÓRBIDA ARITMÉTICA

- Número oficial de mortos no World Trade Center: **2.811**
- Fragmentos de pele e ossos coletados: **19.858**
- Número de corpos identificados: **1.102**
- Número de desaparecidos oficialmente declarados mortos: **1.717**
- Número de pedestres mortos pela queda de destroços: **10**
- Policiais mortos: **23**
- Bombeiros mortos: **343**
- Quantidade de entulho retirado do local: **1,65 milhões de toneladas**
- Quantidade de aço vendida como sucata: **190.568 toneladas**
- Área aberta com a remoção do entulho: **64.750 metros quadrados**
- Viagens de caminhões carregados de entulho: **108.444**
- Duração do incêndio no subsolo: **101 dias**
- Temperatura interna do WTC no incêndio: **1.000 graus**
- O impacto de cada um dos aviões equivaleu a explosão de **1.000 toneladas** de dinamite.

# Invasão anglo-americana atropela ONU

## Nações Unidas podem ser desprezadas novamente na reconstrução do pós-guerra



"O que está acontecendo agora na ONU (Organização das Nações Unidas) é só uma repetição do que o que vinha acontecendo antes. É mais extremista, é verdade. Mas não é fundamentalmente diferente. As grandes potências fazem o que querem e os EUA são tão devastadoramente poderosos que simplesmente não há formas de contenção". Em entrevista ao jornal *O Globo*, o linguista americano

Noam Chomsky resume assim o ceticismo em relação a possíveis mudanças nas relações diplomáticas entre os países da comunidade internacional. É comum especular para se saber quem vai se juntar a quem, para onde vão França, Alemanha, China e Rússia, países frontalmente contrários à guerra. Até uma terceira guerra chegou a ser cogitada pelo líder comunista russo Gennady Zyuganov. Parece óbvio que o desrespeito das Forças de Coalizão ao Conselho de Segurança da ONU crie um racha nas relações diplomáticas estabelecidas e levem a uma reordenação das nações do mundo. Chomsky, no entanto, vai por outro caminho. Para ele, o mundo continuará como sempre esteve, hegemônico por uma só nação, que faz o que bem entende nos organismos internacionais para impor seus interesses. "Os EUA vão continuar a usar a ONU quando precisarem dela, exatamente como no passado. Nos últimos anos, a ONU foi capaz de agir somente quando as grandes potências permitiram", completa.

No clássico da história contemporânea *Era dos extremos*, o historiador Eric Hobsbawm cita, ao longo de mais de 560 páginas de análise sobre o século XX, apenas três vezes a ONU. Em duas delas, faz referência às Nações Unidas de passagem, não falando da organização em si. No único trecho do livro em que se propõe a falar sobre a ONU, Hobsbawm a qualifica como um mero "clube cuja filiação, cada vez mais, mostrava que um Estado fora formalmente aceito como soberano internacionalmente. Não tinha, pela natureza de sua constituição, poderes nem recursos independentes dos que lhe eram destinados pelas nações-membros e, portanto, não tinha poderes de ação independente". Na visão de Hobsbawm, a ONU estaria sempre à mercê, por seu caráter não-bélico, da nação mais poderosa, que poderia passar por cima das suas instâncias. Sempre haveria, portanto, um país para fazer o que hoje fazem os EUA, enfraquecendo as Nações Unidas. Talvez por isso o descrédito de Hobsbawm à ONU, indicado pelas poucas vezes em que a organização é citada.

Chomsky analisa como os EUA usam os fóruns da ONU para legitimação de seus interesses. A antecipação do envio de tropas à zona de guerra, antes do posicionamento e sem o aval do Conselho de Segurança, é sintoma disso. Sem autorização, George Walker Bush preparava uma guerra que sequer estava aprovada. "Faremos o que quisermos. Isto é exatamente o que George Bush, o segundo, disse na ONU em novembro passado, quando apresentou a resolução 1441 (que exigia o envio de missão para inspecionar os supostos arsenais de armas químicas e biológicas do Iraque). É o que reiterou no domingo, 16 de março. Disse: 'se nos derem a autorização para fazer o que vamos fazer de qualquer forma, vocês são relevantes. Se não fizerem isso, são irrelevantes'". Chomsky se refere à reunião que ocorreu na ilha dos Açores, entre Tony Blair e José Maria Aznar, respectivamente os primeiros-ministros da Grã-Bretanha e da Espanha e o presidente americano George Walker Bush.

**Teatro de morte** - A tentativa diplomática de conseguir aprovar uma resolução no Conselho de Segurança da ONU que permitisse a invasão parece hoje mero teatro. Na frente política, EUA, Grã-Bretanha e Espanha apresentaram um projeto de resolução, em 24 de fevereiro, que tolerava a intervenção militar. O documento substituiria a Resolução 1441, aprovada em 8 de novembro de 2002, que obrigava o Iraque a abrir seus depósitos de armas para a inspeção da ONU. Para a aprovação da invasão, se discutia se Camarões, Angola e Guiné, três dos dez membros temporários do Conselho de Segurança, não se deixariam seduzir pela ajuda financeira americana. E se França, China e Rússia, membros permanentes com direito a veto, junto com EUA e Grã-Bretanha, se absteriam numa possível votação. Numa última tentativa política, os EUA foram ao Conselho de Segurança com provas produzidas pelos seus próprios órgãos de investigação. Colin Powell, secretário de Estado americano, prometeu "provas irrefutáveis" e levou à reunião do órgão da ONU gravações, fotos de satélite e um discurso de uma hora e meia que não convenceu ninguém.

Enquanto isso, as missões oficiais da Comissão de Inspeção, Verificação e Monitoramento da ONU, comandadas por Hans Blix, eram desqualificadas apesar dos avanços. A aparente flexibilidade diplomática não combinava com os discursos do presidente americano George Walker Bush e com os documentos oficiais. No Congresso americano, em 28 de janeiro, a fala é um ultimato: "Que não haja mal-entendido. Se Saddam Hussein não se desarmar com-

pletamente, para a segurança de nosso povo e para a paz do mundo, nós lideraremos uma coalizão para desarmá-lo". Mais enfática, apesar de não sair da boca do chefe da Nação, foi a declaração em *off* de um "negociador americano" a um diplomata da ONU, publicada pelo *Washington Post*. "Vocês não vão decidir se haverá guerra ou não. Essa decisão é nossa e já foi tomada. Ela é final. A única questão agora é se o Conselho de Segurança a acompanhará ou não".

**Choque diplomático II** - Ao mesmo tempo em que se esforçava para manter as aparências, na frente que realmente importava os EUA começavam a pôr os planos em prática. Em meados de fevereiro, seis porta-aviões e cerca de 250 mil soldados se deslocaram para o campo de batalha. O projeto para a reconstrução e administração do Iraque pós-Saddam já era traçado. Com a Guerra terminada e o país de fato nas mãos das Forças de Coalizão, começa a ser discutido o futuro iraquiano. Nova batalha diplomática é travada para definir que papel caberá à ONU no pós-guerra. Os EUA se adiantaram e nomearam uma administração civil provisória sem a participação das Nações Unidas. Jay Garner, general da reserva americano, é o responsável pela transição que tem como objetivo declarado preparar o país para um governo interino formado por iraquianos. O primeiro passo nessa direção foi a reunião entre líderes exilados da oposição à Saddam, que ocorreu no dia 15 de abril. Membros da ONU participaram do encontro apenas como observadores.

A intenção americana em comandar a transição no Iraque nunca foi disfarçada. Antes mesmo de dar Bagdá como ocupada e Saddam Hussein como deposto, o Pentágono tinha pronto um plano para a administração do país no pós-guerra. A missão ficou a cargo do Departamento de Reconstrução e Assistência Humanitária (ORHA, na sigla em inglês) e começou com a operação do porto de Umm Qasr, no sul do país, em 8 de abril. Sob o comando de Jay Garner o país foi dividido em três regiões, administradas por dois generais reformados e uma ex-embaixadora. Buck Walters é o responsável pelo sul, Bruce Moore pelo norte e Barbara Bodine pela região central, que inclui Bagdá. As declarações de lideranças do governo Bush

também não deixam dúvidas quanto às intenções americanas. Condoleezza Rice, secretária americana de Segurança Nacional, se manifestou contra a divisão de poderes entre EUA e Nações Unidas. Justifica a posição dizendo que os americanos teriam sacrificado "suas vidas e seu sangue" pela "liberação" do Iraque. Omitem a delicada situação da economia americana na gestão republicana, que necessita dessa "reconstrução".

**Velho mundo** - Líderes europeus, no entanto, se opõem ao papel secundário que a organização vem exercendo. Os primeiros-ministros e presidentes dos 15 países da União Européia assinaram, no dia 17 de abril, durante um encontro em Atenas, uma declaração pedindo maior participação da ONU na transição do governo iraquiano. Os europeus assumem o "compromisso de participar significativamente na reconstrução política e econômica do Iraque" e enfatizam que as Nações Unidas "devem desempenhar um papel central no processo que leve a um governo autônomo no país". O documento europeu teve origem numa reunião separada entre representantes de Grã-Bretanha e Espanha (favoráveis à guerra), e França e Alemanha - contrários. Os quatro países queriam acabar com a divisão interna que vem enfraquecendo a União Européia. O fortale-

cimento da organização foi reiterado com a ampliação de 15 para 25 no número de países-membros, o que pode significar uma tentativa da Europa em fazer frente à hegemonia bélica e econômica que tem os EUA atualmente. Com a manifestação pró-ONU de Grã-Bretanha, Itália e Espanha, os EUA ficam cada vez mais isolados na vontade de controlar o processo de transição no Iraque. O chanceler francês Dominique de Villepin foi enfático na defesa dos interesses de seu país. "A idéia de que o Iraque pode ser um tipo de Eldorado, um bolo que os países podem modelar, me parece contrária ao bom senso", protestou.

O papel central para a ONU na transição iraquiana fica na dependência de concessões por parte dos países contrários à guerra, no âmbito do Conselho de Segurança. Antes do encontro de cúpula em Atenas, Jack Straw, ministro das relações exteriores da Grã-Bretanha mandou um recado direto à Alemanha e França. Straw disse que se os membros-chave do Conselho de Segurança - leia-se Alemanha e França - não estivessem dispostos a cooperar, o papel desejado por eles para a ONU não seria possível. A "cooperação" a que se refere Straw pode ser entendida como a aprovação de uma resolução, no Conselho de Segurança, que determinasse o imediato fim do embargo comercial ao Iraque e o reconhecimento do novo regime como legítimo. Se passarem pelo Conselho, os dois pontos possibilitam a venda de petróleo e o financiamento das dívidas e da reconstrução do Iraque.

Pensando em proteger a instituição que representa, Kofi Annan, secretário-geral das Nações Unidas, tenta evitar que a organização seja novamente atropelada e o pós-guerra no Iraque siga sem participação da ONU e com novos atos não-respalçados pelo Conselho de Segurança. "As Nações Unidas têm muita experiência nisso. Há várias áreas em que a ONU pode ter um papel importante, mas, acima de tudo, o envolvimento da ONU traz legitimidade". Annan participou da reunião dos chefes de Estado da União Européia, em Atenas. A missão do diplomata era conversar com os membros do Conselho de Segurança sobre as visões deles sobre o futuro do Iraque. O possível desentendimento entre os 15 membros do Conselho pode levar a uma marginalização ainda maior da ONU. Depois da reunião em Atenas o secretário-geral disse que não aceitará nenhum papel subalterno para as Nações Unidas e enfatizou a necessidade de se "reduzir quanto antes as rupturas".

**Petróleo** - Legislando em causa própria, Bush defendeu na quarta-feira, 16 de abril, o fim do embargo econômico imposto ao Iraque. "Agora que o Iraque foi liberado, as Nações Unidas deveriam acabar com as sanções contra o país", defendeu o invasor. A sanção econômica foi aprovada na ONU depois que o Iraque invadiu o Kuwait, em 1990. Jacques Chirac, presidente da França, disse que é a favor do fim do embargo, mas acha que a decisão de como e quando isso deve acontecer cabe à ONU. Os EUA querem rapidez na votação da resolução, apesar da garantia de John Negroponte, embaixador americano no Conselho de Segurança, de que ela ainda não estaria escrita, dependendo de decisões de Washington. Jack Straw, nas declarações em Atenas, deixou escapar, pela primeira vez, que é possível que EUA e Grã-Bretanha venham a ignorar novamente o Conselho de Segurança. Straw disse que se não houver cooperação os dois países seriam forçados a fazer "novos arranjos".

**"Se nos derem a autorização para fazer o que vamos fazer de qualquer forma, vocês são relevantes. Se não fizerem isso, vocês são irrelevantes"**



Annan parece não acreditar: doutrina Bush é lançada na ONU

Tadeu Martins

David C. Turnley/Corbis



Invasões sucessivas de russos e americanos ressuscitaram plantio do ópio

## Afganistão não tem paz nem rumo após conflito

País não ganha dinheiro para reconstrução

“Temos compaixão pelas vítimas de um regime opressor. Hoje somos um país chamado a defender a liberdade”, garantiu George Walker Bush, presidente dos EUA. O discurso soa atual e bem que poderia se encaixar na retórica de seu governo para justificar a intervenção no Iraque. Porém, a frase foi dita há um ano e meio, poucos dias após os atentados de 11 de setembro de 2001, quando apresentava ao Congresso americano a declaração de guerra ao Afeganistão, “inimigo do mal” que deu abrigo à organização terrorista Al Qaeda.

Em dezembro de 2001, os Estados Unidos tentaram mostrar que após a intervenção haviam conseguido enfim dar início ao processo de pacificação do Afeganistão, que sofria com seguidas guerras por mais de 20 anos. O regime fundamentalista islâmico *taleban* foi derrubado e Hamid Karzai, líder designado em uma assembléia entre as várias etnias afegãs, foi empossado presidente interino. Por trás desta versão bem sucedida, no entanto, há outra história completamente diferente. “Fora da capital, Kabul, o Afeganistão permanece em total anarquia”, definiu Robert Fisk, correspondente do jornal britânico *Independent*, que esteve no país no fim do ano passado. Notícias confirmando, não faltam, apesar de o país estar longe das atenções principais da mídia internacional desde que os Estados Unidos apertaram o cerco a Saddam Hussein. Bases dos Estados Unidos no país são constantemente atacadas, tropas americanas foram obrigadas a se retirar de suas posições na fronteira com o Paquistão, a Al Qaeda, rede terrorista de Osama Bin Laden, ativou estações de rádio em que a guerra santa contra a América é conclamada, relatórios da ONU mostram que o cultivo da papoula para a produção de ópio, nunca foi tão alto, quanto no último ano no país, Karzai escapou de um atentado, o vice-presidente foi assassinado; tudo isso pode ser visto a cada dia em pequenas notas nos jornais.

**Sem reconstrução** - No interior do país, o poder está nas mãos de inte-

grantes do governo que foi derrubado pelo *taleban* e milícias de chefes guerreiros que governam seus domínios de maneira feudal. Financiados pelos Estados Unidos, eles foram os principais agentes da derrubada do *taleban*: enquanto os ataques americanos ao país praticamente se limitaram a seguros bombardeios a 10 mil metros de altura, as tomadas por terra foram realizadas por forças afegãs de oposição. Outro aliado dos Estados Unidos durante a guerra, as forças guerrilheiras da Aliança do Norte, controla os ministérios do governo afegão de acordo com seus interesses e imprimem perseguições a etnias rivais. Na luta pelo controle do país, também está o *taleban* que vem se reorganizando sob uma nova estrutura e se juntando a outros grupos fundamentalistas islâmicos para expulsar os estrangeiros do país.

A anunciada assistência na reconstrução da nação e na sedimentação de sua estabilidade que os países desenvolvidos prometeram após a queda do regime *taleban* não tem se concretizado. Dos US\$ 5 bilhões da ajuda financeira prometida, a maior parte ainda não foi repassada ao governo interino. As forças internacionais da ONU estão restritas ao patrulhamento da capital, enquanto cerca de 11 mil militares americanos continuam no interior do país em busca de remanescentes da Al Qaeda. Apesar dos insistentes pedidos de Hamid Karzai para que a comunidade internacional não se esqueça de seu país, o Afeganistão tem recebido proporcionalmente muito menos auxílio financeiro do que outros países sob intervenção da ONU, como Ruanda e Timor Leste.

Após uma “vitória” que levou gansers e traficantes de drogas ao poder, não eliminou as células terroristas da Al Qaeda e não promoveu absolutamente nenhuma paz no país, há de ser perguntar: é esse o modelo de ação bem sucedida que os Estados Unidos buscam repetir no Iraque?

**Felipe Bächtold**

# Guerra pode destruir patrimônio histórico de forma irreversível

Ataque arrasa museu e ameaça sítios arqueológicos

O patrimônio histórico iraquiano é, como a população, um dos segmentos mais vulneráveis a destruição na invasão do Iraque. Arqueólogos, estudiosos e especialistas da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) trabalharam, sem muitas esperanças, com o governo do país árabe para proteger a herança histórica e cultural da região, conhecida como Mesopotâmia, mapeando, desde janeiro, locais que deveriam ser poupados por bombardeios anglo-americanos. Com mais de 5.000 anos de história, o país abriga algumas das cidades mais antigas do mundo, entre elas Ur, onde nasceu o profeta Abraão – reverenciado por judeus, cristãos e muçulmanos. Lá, a civilização surgiu antes mesmo das primeiras pirâmides terem sido erguidas no Egito. Na região onde faltavam a pedra, a madeira e os metais, surgiu uma civilização da argila, onde foram inventados o sistema de irrigação e a primeira forma ocidental de escrita. Existe lá o maior conjunto de documentos escritos antes da invenção da imprensa por Gutemberg e calcula-se que muitos ainda se encontrem no subsolo iraquiano. Os preciosos tesouros estariam mais seguros se Estados Unidos ou Reino Unido fossem signatários da convenção sobre a proteção da propriedade cultural no caso de um conflito armado, de 1954, que proíbe o ataque a locais de importância cultural caso não seja necessidade militar.

Devido a saques e escavações clandestinas, grande parte do acervo histórico da região pode ser apreciado em museus europeus, como a grandiosa porta de Ishtar da Babilônia encontra-se hoje em Berlim. Os murais em pedra com relevos dos palácios assírios estão em Londres; os touros alados de Khorsabad podem ser vistos no Louvre, em Paris, ao lado do famoso código de leis de Hamurabi – líder que pregava a doutrina do “olho por olho, dente por dente”. A história política recente da região, com conflitos étnicos e religiosos, guerras e golpes de Estado, contribuiu para o agravamento do problema. As guerras Irã-Iraque, nos anos 80, e a do Golfo, em 1991, resultaram em destruição de peças importantes e paralisaram os trabalhos de manutenção e exploração arqueológica.

Mas as consequências para o patrimônio histórico não se restringem aos estragos imediatos causados pela guerra. Bombardeios a palácios de Saddam Hussein, suspeitos de encobrir laboratórios de pesquisa bélica, depósitos de armas ou refúgios militares, provocam danos estruturais aos monumentos vizinhos. A maior parte dos 10 mil sítios arqueológicos registrados é subterrânea e a estimativa é de que existam mais de 50 mil sítios desco-

nhecidos. Na Guerra do Golfo, arqueólogos forneceram aos militares o mapeamento dos sítios históricos a serem evitados, mas numa batalha há dificuldade em distinguir entre um inofensivo sítio arqueológico e um abrigo camuflado de bateria antiaérea.

**Cidade da paz** – Meio século após a fundação, em 762, Bagdá era a maior cidade do mundo, com cerca de 1 milhão de habitantes. Originalmente chamada de Madinat al Salam (Cidade da Paz), Bagdá atingiu o auge de prosperidade sob o comando do califa Harun al Rachid (786-809). Esta época foi retratada nas histórias de *Simbá, o marujo* e da princesa Sherazade, no célebre livro de contos *As mil e uma noites*. Na cidade foram traduzidas as principais obras de Aristóteles, a maior parte dos estudos médicos de Hipócrates e Galeno e as obras de geografia e astronomia de Ptolomeu. Foi em Bagdá que Al Kindi, “o filósofo dos árabes”, fundou a filosofia peripatética islâmica e buscou integrar ensinamentos islâmicos ao aristotelismo e ao neoplatonismo.

O fascínio que a cidade exerceu por mais de quatro séculos deu lugar a uma onda de devastação no século 13, quando

os mongóis invadiram Bagdá. Ao se tornar parte do Império Otomano, em 1534, a cidade entrou em decadência cultural. Só após a Primeira Guerra, a situação foi revertida e Bagdá se tornou a capital do Iraque, agora independente. Nos anos 70, o petróleo levou riqueza e desenvolvimento à região, que se dividiu em grandes áreas residenciais. Redes de estradas e um novo aeroporto foram construídos, com participação de empresas brasileiras, e museus com expressivas coleções foram reformados – o Qasr Azzuhur (palácio das flores) foi destruído nos primeiros bombardeios dessa invasão.

**Tesouro perdido** – Há dois anos o mundo se indignou ao assistir o Taleban, tirania religiosa que governou o Afeganistão até 2001, destruir estátuas gigantes de Buda. “Ninguém tem o direito de arruinar o patrimônio da humanidade”, clamavam historiadores e arqueólogos, interessados na preservação da cultura. Raros foram os jornais que comentaram os ataques americanos às cavernas afegãs, no ano passado. Na ânsia desesperada de matar Osama Bin Laden, os Estados Unidos bombardearam um complexo rochoso de túneis que se interligavam por centenas de quilômetros.

As riquezas culturais arruinadas em guerras na maioria das vezes não podem ser restauradas. Especialistas consideraram artificial reconstruir as duas estátuas de Buda, de 53 e 38 metros de altura, que, antes de serem destruídas, se erguiam em fendas profundas nas rochas em um lado do vale de Bamiyan. O Museu de Cabul, bombardeado e saqueado durante as lutas entre facções afegãs, entre 1992 e 1995, e arrasado por soldados do regime por cinco anos, é hoje pouco mais do que um prédio devastado.

O desequilíbrio ecológico preocupa tanto quanto a perda de patrimônios históricos. Em 1991 o derramamento de óleo no mar matou entre 15 e 30 mil aves e centenas de milhares de peixes, a queima de poços de petróleo poluiu o ar do Kuwait, favorecendo o desenvolvimento de doenças respiratórias. Projeteis de urânio empobrecido contaminaram o solo e a radioatividade foi responsável por tumores batizados de “mal do golfo”. Existe o risco desses desastres se repetirem. Há o perigo de contaminação por agentes químicos da maior reserva aquífera do Oriente Médio – o Iraque está localizado no vale formado pelos rios Tigre e Eufrates. Se sistemas de irrigação forem prejudicados, a agricultura entrará em crise e a fome se abaterá sobre um número ainda maior de civis iraquianos, tão inocentes quanto os americanos mortos no dia 11 de setembro.

**Marcela Campos**



Diretora de museu saqueado acusa EUA de negligência

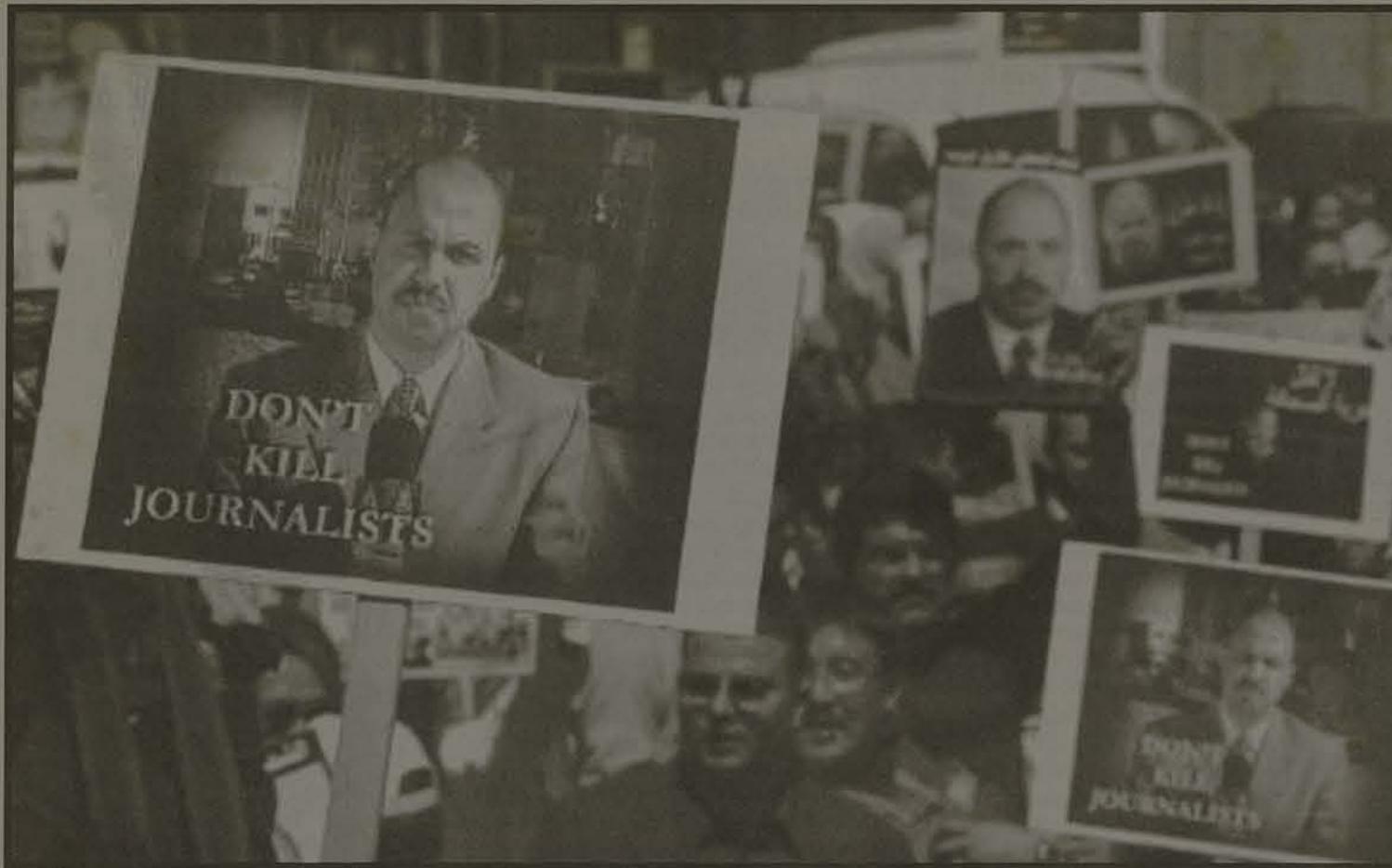
## Negligência do invasor facilita saque a museu

O Museu de Arqueologia de Bagdá, o mais importante e valioso do Iraque, foi saqueado na tarde do dia 12 de abril, com prejuízo de “bilhões de dólares” para o país e para a cultura mundial. Aos prantos, Nabhal Amin, vice-diretora do museu, lamentou danos a mais de 170 mil peças, roubadas ou destruídas. Estima-se que dez ladrões tenham invadido salas de exposição e escritórios administrativos para roubar tesouros da antiguidade babilônica, de mais de quatro mil anos.

No chão, sobram cacos de estátuas e vasos quebrados e caixas de madeira destroçadas. Também foram levados eletroeletrônicos, como computadores. Nem a porta antiga que isolava uma sala do andar térreo foi poupada. Das 28 galerias, somente as localizadas no térreo foram saqueadas. O museu, que resistiu à primeira Guerra do Golfo, em 1991, foi restaurado e reaberto à visitação pública em 2000. No acervo estavam peças originárias das antigas Babilônia e Nínive, estátuas assírias e sumérias, jóias de ouro e prata.

A Unesco, agência cultural das Nações Unidas, enviou carta exigindo providências urgentes por parte dos Estados Unidos e Grã-Bretanha para proteger os museus do Iraque. Amin classificou as forças de ocupação como negligentes. “Se tivessem destacado um tanque e dois soldados, nada teria acontecido”, reclama. Agências humanitárias internacionais criticaram as tropas anglo-americanas por não reafirmarem sua autoridade durante os saques que ocorreram em Bagdá, ameaçando prédios públicos, hotéis, lojas e até hospitais. Elas alegam que a lei internacional obriga os soldados a evitar o caos. Pesquisas de cientistas indicam que 25 mil sítios arqueológicos estão ameaçados por bombardeios e saques. (MC)

Lucian Perkins - The Washington Post



Manifestantes se insurgiram contra número excessivo de mortos e denunciaram americanos por ofensiva contra correspondentes em ação no Iraque

# EUA devem explicações sobre repórteres mortos no *front*

Quatorze jornalistas morreram enquanto tentavam cobrir a invasão do Iraque desde o começo do conflito, no dia 19 de março. Outros dois ainda estão desaparecidos. Entidades de jornalistas como a Federação Internacional de Jornalistas e a organização Repórteres Sem Fronteiras exigiram do governo americano para que as circunstâncias das mortes sejam investigadas. Além de estarem expostos ao fogo cruzado, os jornalistas no Iraque enfrentam o risco de minas terrestres e dos "ataques amigos". Foi o que aconteceu com Terry Lloyd, de 50 anos, correspondente da rede de TV inglesa ITN, que foi atingido por tiros aparentemente de tropas anglo-americanas enquanto viajava no sul do Iraque, no quarto dia de guerra.

O número de jornalistas mortos no conflito nas primeiras semanas já supera a quantidade de vítimas entre os correspondentes na Guerra do Golfo, em 1991, e do Afeganistão, em 2001. "Os riscos são maiores do que na Guerra do Golfo, na qual os jornalistas fica-

ram longe da frente, aquartelados, enquanto agora estão muito mais próximos dos combates", diz Severine Gazes, chefe da Repórteres Sem Fronteiras para o Oriente Médio.

O caso mais marcante de mortes de jornalistas foi o ataque americano ao hotel Palestina, em Bagdá. Conhecido por hospedar a maioria dos correspondentes de guerra que permanecem na capital do Iraque, o hotel foi alvo de disparos de um tanque americano, no dia 8 de abril. O Pentágono alegou ter revidado disparos de franco-atiradores que estariam no prédio, o que foi desmentido por reportagens ao vivo que filmaram o ataque, feitas por redes alemãs, francesas e árabes. José Couso, cinegrafista espanhol do canal Telecinco, e Taras Protsyuk, ucraniano que trabalhava para a Agência Reuters, morreram. A Repórteres Sem Fronteiras acusou o Exército americano de atacar propositalmente o hotel para intimidar os jornalistas que ainda estavam na cidade. Segundo Robert Ménard, secretário-geral da organização, imagens gravadas

pela TV francesa France 3 comprovam que não havia atiradores no prédio antes do ataque. Ménard exige que Donald Rumsfeld, secretário de defesa americano, apresente evidências que o ataque não foi deliberado.

No Qatar, um porta-voz do Comando Militar Americano disse que os jornalistas que permanecem no Iraque estão desrespeitando a orientação dos Estados Unidos de deixar o país.

No mesmo dia, a exemplo do que ocorreu na guerra do Afeganistão, os Estados Unidos bombardearam um escritório da rede árabe Al Jazeera. A sede da emissora de TV em Bagdá foi atingida por um míssil, matando Tarek Ayub, correspondente. "Não pode ter sido um erro. Foi um ato inaceitável contra todos os jornalistas", reclama Taysir Alluni, repórter da rede de TV. A emissora, antes de iniciada a invasão do Iraque, havia fornecido ao Pentágono coordenadas de latitude e longitude para que não fosse confundida com alvos militares.

**Felipe Bächtold**



## Condições do conflito causam a morte do 11º correspondente



Bloom já alertava sobre seu cansaço

Os cerca de 600 jornalistas que cobrem a invasão ao Iraque levaram um susto no dia 6 de abril ao perceberem que, para se manterem vivos por lá, não basta escapar de minas terrestres, carros-bombas e estilhaços de granadas. É possível, sim, perder a vida, fulminantemente, devido a causas naturais. O alarme foi dado depois da morte do jornalista David Bloom da NBC, que sofreu uma embolia pulmonar enquanto acompanhava a 3ª Divisão do Exército Americano se aproximando de Bagdá. Poucos dias antes de falecer, Bloom já alertava sobre as péssimas condições de viagem e a impossibilidade de descansar.

Segundo Allison Gollust, porta-voz da NBC, o jornalista estava com as tropas americanas quando se sentiu mal. Mesmo tendo sido trans-

portado de avião até um acampamento médico, ele não resistiu. Autoridades do exército americano e representantes da NBC garantem que a morte não tem nenhuma relação com as lutas. Mas o co-âncora do telejornal *Today*, de 39 anos, foi o segundo americano e o 11º da imprensa internacional a morrer.

Bloom, que já fora correspondente na Casa Branca, destacou-se na cobertura da guerra pelo método inovador de transmissão, batizado de *Bloommobile*. Dentro de um carro blindado onde uma câmera estava acoplada, o jornalista e sua equipe realizavam transmissões ao vivo no deserto iraquiano, trafegando em uma velocidade superior a 80 quilômetros por hora. Ironicamente, o dia-a-dia do trabalho que o consagrou pode ter provocado sua morte.

De acordo com o médico Harold Palevsky, chefe de tratamento pulmonar da Universidade da Pensilvânia, a maneira que Bloom dormia (pernas dobradas e joelhos encostados no peito) representou um sério fator de risco. Palevsky explica que, quando as pernas ficam dobradas e imobilizadas por muito tempo, coágulos de sangue frequentemente são formados — o que pode induzir a embolia.

Também não é descartada a hipótese de que os médicos do exército americano não utilizaram o procedimento adequado para tratar o problema. "A equipe médica treinada e equipada para tratar de ferimentos, podia estar menos preparada para lidar com uma embolia pulmonar no deserto".

**Fernanda Menegotto**

Al Jazeera/Reuters



## Militares americanos humilham jornalistas portugueses no Iraque

Na última semana de março, vários repórteres foram detidos pelas tropas americanas. O caso que mais chamou a atenção foi o que ocorreu com dois portugueses da rede de televisão RTP. Luis Castro e Victor Silva dormiam entre Karbala e Najaf, ao lado do jipe alugado, para no dia seguinte seguirem viagem para Najaf. Ao acordar estavam cercados por militares que apontavam fuzis. Os dois foram expostos a humilhações. "Mandaram-nos deitar no chão e com os pés afastaram as mãos das cabeças. Disseram para não nos mexermos porque estávamos na linha de fogo." De início tiraram todos os equipamentos e prenderam os repórteres no jipe. Os dois passaram 48 horas sem comida nem água e não podiam se comunicar com parentes ou com a redação. Os americanos suspeitavam de espionagem. "Quatro ou cinco soldados me deitaram; um pôs o pé no meu pescoço, outro juntou meus pés às mãos, outro deu um pontapé nas costelas; fomos algemados e

arrastados".

Corrigido o

erro, os militares tentaram se redimir. "Ofereceram café e pediram desculpas. Num helicóptero, fomos levados para o Kuwait." No dia 30 de março, os dois ainda tiveram que esperar a CIA revistar os materiais que tinham produzido e responder a mais um interrogatório. A Brigada responsável pela área em que os repórteres

portugueses foram detidos se desculpou afirmando que "os elementos que tinham feito aquilo eram a vergonha dos EUA, eram a vergonha do exército americano".

O episódio tem sido frequente nesta invasão ao Iraque. No dia 29 de março, Akil Abdel Reda, operador de câmera da Al Jazeera, emissora do Qatar, ficou doze horas detido e respondendo a perguntas dos americanos. Um *freelancer* dos Estados Unidos, Phil Smucker, que trabalhava para a *Christian Science Monitor* de Boston e para o *Daily Telegraph* de Londres, foi forçado, no dia 27, a abandonar o Iraque de volta para o Kuwait.

**Débora Remor**

# Mídia manipula informação da guerra



## Imprensa dos dois lados do conflito adere à batalha de propaganda oficial e dificulta acesso a informações isentas

“Se Tucídides vivesse hoje em dia, jamais conseguiria escrever algo tão relevante para a posteridade como foi *A História da Guerra do Peloponeso* garantiu Aaron Naparstek, historiador americano sobre o militar ateniense considerado o “primeiro correspondente de guerra de todos os tempos”, que registrou relatos de inestimável valor histórico sobre as guerras no ocidente durante o século V a.C. Na atual invasão no Iraque, esta máxima parece estar sendo levada às suas últimas conseqüências. A guerra de propaganda parece ser maior do que o próprio conflito. Em meio ao adesismo à campanha americana por parte da mídia dos Estados Unidos e as restrições que os dois lados impõem aos jornalistas, as condições de trabalho dos repórteres para uma cobertura equilibrada se deterioram cada vez mais.

Para este conflito, o governo dos Estados Unidos adotou uma postura de “subsidiar” empresas de mídia. Na Guerra do Golfo em 1991, o prejuízo de empresas de comunicação como as redes de TV CNN e a NBC foi calculado em cerca de US\$ 25 milhões ao dia, por conta da redução de anunciantes, que não queriam ter a imagem vinculada com o conflito. A solução para reduzir o impacto da guerra nas já financeiramente debilitadas empresas de mídia americanas foi duvidosa. Em uma atitude inédita desde a guerra do Vietnã, o Pentágono permitiu a presença de jornalistas junto às tropas. Antes da guerra, foram selecionados cerca de 600 repórteres, quase todos americanos ou britânicos. Após passarem por um treinamento com os militares, assinaram um acordo que, em termos vagos, indicava o que poderia ou não ser divulgado e atribuía a palavra final aos militares. A organização Repórteres Sem Fronteira lançou um comunicado protestando contra a atitude esclarecendo que “o critério para decidir o que deve ser exibido ou não deveria ser a ética jornalística de cada repórter”. Estes jornalistas são os chamados *embedded* (inseridos, em inglês), que em suas reportagens costumam se referir às tropas anglo-americanas como “nós” e baseiam a maior parte de suas matérias em assuntos sobre a estratégia dos ataques e em descrições da tecnologia do aparato bélico americano.

“Os argumentos do governo para intervir no Iraque em momento algum foram contestados. É inédito a mídia dos Estados Unidos se distanciar completamente dos acontecimentos”, protesta Todd Gitlin, crítico de mídia americano. “As TVs americanas não estão cobrindo a guerra, estão promovendo-a” confirmou o *New York Times* em editorial. O canal de notícias Fox News é o exemplo mais marcante da postura das TVs americanas. Rede de TV que mais cresce no país e conhecida por ser a “porta-voz do governo Bush”, a Fox chegou ao inverossímil ponto de criar uma campanha a favor da guerra no Iraque durante a crise diplomática no Conselho de Segurança da ONU, cujo lema era “Dê uma chance à guerra”.

Mais do que adesismo, a cobertura da guerra tem revelado até mesmo uma preocupante face de autocensura na mídia americana. Praticamente todos os meios de comunicação do país atenderam prontamente o pedido de Donald Rumsfeld, secretário de Defesa, e não exibiram imagens dos prisioneiros de guerra americanos capturados pelo exército iraquiano durante a primeira semana da guerra. O que fez o canal internacional da CNN.

No Reino Unido, a cobertura da mídia tem sido mais cética em relação às notícias oficiais e sem o patriotismo exacerbado dos americanos. Curiosamente, a quantidade de americanos que visitam sítios de notícias britânicos na Internet como o da rede de TV BBC e do jornal *The Guardian* aumentaram em até 80% desde o início da guerra, conforme o portal *WiredNews*.

A escassez de fontes confiáveis tem estimulado jornalistas free-lancers a se arriscarem a entrar no Iraque por conta própria. Em condições normais, o acesso ao país é concedido de maneira imprevisível junto às embaixadas do Iraque no exterior. Com o gradual dilaceramento do regime, a situação tornou-se ainda mais difícil. O governo iraquiano cobra dos jornalistas estrangeiros taxas que variam entre US\$ 100 e US\$ 400 por dia pela permanência. Também é exigido que um guia do ministério da informação acompanhasse os jornalistas enquanto as informações são apuradas, o que obviamente compromete a autenticidade do trabalho. Nas duas primeiras semanas de guerra, dois jornalistas estrangeiros morreram no Iraque e seis estão desaparecidos. Mas isto fi só a tomada de Bagdá no dia 9 de abril.

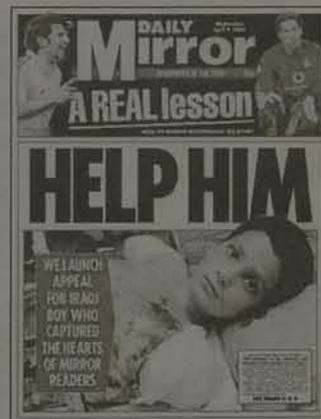
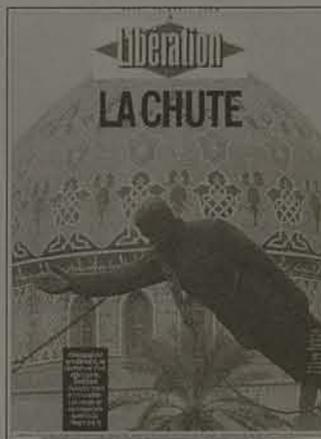
**A outra frente** - Um espectador do que restou da TV estatal iraquiana jamais imaginará que o país está sofrendo reveses na guerra. Primando pela propaganda oficial, o canal tem a maior parte de sua programação dedicada aos pronunciamentos dos militares iraquianos ou de Saddam Hussein, sempre com pose de herói, clamando pela resistência popular. Por esta razão, as instalações da TV vêm sofrendo constantes ataques e bombardeios americanos, o que é proibido pela Convenção de Genebra, que não permite a destruição de instalações civis, independente de ser posse do estado.

A Al Jazeera, TV do Qatar que se proclama “a voz do mundo árabe”, desponta como o grande protagonista na área da mídia na guerra. Atua com independência e, pela proximidade com os árabes, tem maior facilidade de acesso a várias regiões do Iraque. Na primeira semana da guerra, por exemplo, enquanto os jornalistas ocidentais especulavam sobre um levante na cidade de Basra, correspondentes da TV do Qatar na localidade relatavam o dia sem transtornos que transcorria. A TV causou polêmica por ter sido a primeira a retransmitir as imagens que a televisão iraquiana fizera de prisioneiros de guerra americanos e militares britânicos mortos. O primeiro ministro inglês Tony Blair chegou a afirmar que estava horrorizado com o canal. “Americanos e britânicos não nos vêem com bons olhos porque mostramos aspectos da guerra que afetam negativamente a opinião pública de seus países”, diz Yosri Fouda, chefe da sucursal da rede em Londres.

Com uma crise generalizada de desinformação e sem acesso a uma grande variedade de fontes, o público médio ficou sem uma cobertura efetiva do que realmente ocorre no Iraque.

No Brasil, a novidade é a desconfiança com que a imprensa vem tratando as informações divulgadas pelas fontes tradicionais. Ao menos uma notícia positiva vinda da guerra.

Felipe Bächtold



# O novo traidor da América é jornalista

QUANDO O LEITOR É A VÍTIMA



Foto e manipulação: Brian Walski/Los Angeles Times

Para aumentar dramaticidade, foto manipulada mostra soldado em posição ameaçadora



Editores do jornal suspeitaram da fraude ao notar a presença duplicada de civis ao fundo

## Manipulação em foto de capa causa polêmica e demissão de fotógrafo do *Los Angeles Times*

O fotógrafo Brian Walski do jornal *Los Angeles Times* é o protagonista da mais recente polêmica sobre manipulação de imagens na imprensa. Contratado para cobrir a invasão ao Iraque, o fotógrafo foi demitido do jornal quando a alteração foi descoberta. "Alterar novas fotografias é contra a política da empresa", justifica em nota publicada no dia 2 de abril assinada pela direção do diário, um dos mais influentes dos EUA.

A fotografia foi publicada no dia 31 de março na capa da edição do *Los Angeles Times*, com a legenda "Em Basra, pânico como uma tática de guerra". A imagem original mostra um soldado britânico vigiando refugiados na região de Basra, sul do Iraque, numa posição de resguardo diante do homem que avançava segurando uma criança no colo. Na montagem, o fundo do lado esquerdo do soldado foi copiado de outra imagem e ampliado, para aparentar maior proximidade dos refugiados ao britânico, inserido de outra fotografia, com um braço levantado e apontando o rifle de assalto SA80, com um ar ameaçador.

A fraude foi descoberta pelos editores do jornal, ao notarem a presença



duplicada de pessoas no fundo das fotografias. Mas muito tarde: a foto já tinha sido publicada. Contatado por telefone no Kuwait, o fotógrafo admitiu ter manipulado a fotografia para causar maior dramaticidade. Trabalhando no

*Los Angeles Times* desde 1998, Brian Walski foi nomeado em 2001 "Fotógrafo do Ano" pela Associação de Fotojornalistas da Califórnia. Experiente, cobriu a Guerra do Golfo, a fome na Somália, o funeral da princesa Diana e os conflitos na Irlanda do Norte. Ele usou o próprio computador para combinar elementos de duas fotos. "Agora é mais fácil do que nunca para um fotógrafo alterar fotos", preferiu candidamente Walski.

Nos EUA, a Associação Nacional dos Repórteres Fotográficos (NPPA) estabeleceu que "alterar o conteúdo editorial de uma foto é quebra dos padrões éticos reconhecidos pela NPPA". "Em listas de discussão, profissionais de imprensa, com raras exceções, proclamaram que Brian Walski é um pária, um homem que aviltou os ideais da profissão", declara José Colucci Jr, engenheiro em Boston (EUA), em artigo publicado no sítio Observatório da Imprensa.

## Repórter neozelandês perde o emprego na América por dar entrevista ao vivo no Iraque e termina em emissora árabe

Um correspondente de guerra como Peter Arnett não fica desempregado por muito tempo. O jornalista recebeu propostas do tablóide inglês *Daily Mirror*, a emissora belga VTM, do canal a cabo de Taiwan TVBS e da rede árabe Al Arabiya. Dispensado pelas empresas americanas NBC e National Geographic no dia 30 de março, após conceder entrevista para a TV estatal iraquiana, Arnett seria obrigado a sair de Bagdá. "Naquela noite minha carreira em pleno êxito como repórter da NBC foi transformada em cinzas, porque declarei o óbvio para a televisão iraquiana: que o calendário de guerra dos EUA foi alterado", relata o correspondente.

Considerado o mais novo "traidor" dos Estados Unidos, o jornalista pediu desculpas aos americanos no programa *Today* da rede NBC, no dia seguinte à demissão. "Foi um erro da parte de Peter Arnett conceder entrevista à televisão estatal iraquiana, especialmente em tempo de guerra, e foi um erro de sua parte divulgar suas opiniões e observações pessoais", acentua o anúncio da demissão. Seu crime foi dizer que o plano de guerra dos EUA contra Saddam Hussein fracassou, que subestimaram a determinação das tropas iraquianas, e que o Pentágono parecia disposto a modificar sua estratégia original.

Embora tenha pedido desculpas, Arnett alegou que já concedeu muitas entrevistas no passado e que seus comentários não diferem do pensamento dos especialistas. "Meu erro estúpido de julgamento foi gastar 15 minutos concedendo uma entrevista improvisada", comenta. Aos 68 anos, o currículo do neozelandês Peter Arnett é invejável. Registrou no Afeganistão em 1997 a crescente onda de terrorismo internacional durante os anos 90, com uma entrevista com Osama Bin Laden. Relatou a resistência do povo afegão durante a década de 80, desde a invasão soviética ao país em 1979. Iniciou como correspondente há 40 anos, cobrindo a guerra do Vietnã pela *Associated Press*, o que lhe valeu o prêmio Pulitzer em 1966. Assunto que, décadas mais tarde, acarretaria sua primeira demissão por pressão do Pentágono.

Em junho de 1998, denunciou o uso do gás sarin, proibido pelo Tratado de Genebra, pelas tropas americanas contra civis vietnamitas e soldados desertores que fugiam para o Laos. A acusação foi ao ar no canal CNN internacional, onde trabalhava. Imediatamente, o Pentágono exigiu uma retratação da emissora. No dia seguinte, a história foi publicada pela conservadora revista *Time*. Algumas horas depois, a concorrente *Newsweek* começou a trabalhar em um artigo que tentava desmentir a reportagem. Despedido, Peter Arnett não conseguiu provar as acusações por serem fatos ocorridos em 1970, e a CNN foi obrigada a se retratar.

O caso ultrapassou as fronteiras do país. No mês seguinte, o ombudsman do diário *Folha de São Paulo* descreveria o fato, na edição de 5 de julho de 1998: "Quando a reportagem da CNN foi ao ar, no início de junho, rendeu chamada na capa do jornal, com título que não deixava dúvida EUA usaram sarin em desertores no Vietnã. Mas é preciso registrar também que a *Folha* não procurou esconder o fiasco quando este foi revelado. Noticiou com destaque semelhante o pedido de desculpas da emissora de tevê (CNN) pelo furo que era falso, novo vexame da série recente na imprensa americana".

O chamado de Saddam - Quando a segunda guerra do Golfo se tornou evidente, mais de 600 jornalistas de todo o mundo se integraram às unidades militares anglo-americanas, na tentativa de facilitar aos meios de comunicação acesso ao campo de batalha. Esses jornalistas se comprometeram em respeitar um regulamento que especifica quais informações poderiam ser divulgadas. As condições provocaram polêmica entre organizações internacionais a favor da liberdade de expressão, que pediram às autoridades americanas a garantia de liberdade e segurança aos correspondentes de guerra. Mas havia o outro lado da cobertura na guerra.

Chamado para cobrir as frequentes conferências do ministro da informação do Iraque, Peter Arnett prefere se arriscar circulando pelas ruas de Bagdá, pois Saddam Hussein deixou claro que este é o único motivo para permitir a permanência dos jornalistas na cidade. Por não atenderem o pedido, muitos jornalistas tiveram que deixar o país. "Eles querem que noticiemos a história do lado deles", comentou Arnett.

Como correspondente da *National Geographic Explored*, Peter Arnett concedeu entrevistas a diversos jornalistas dos Estados Unidos pelo telefone do hotel. "Oficiais iraquianos podem estar monitorando o que falo, mas não há censores do governo no meu quarto. Nunca fui questionado sobre meus telefonemas nas seis semanas que eu estou em Bagdá". Mas o caso com a CNN ainda ecoa entre os jornalistas americanos. Arnett responde que "você não pode suportar um erro grave em credibilidade no jornalismo. Se faz, está morto".

Em Bagdá, o jornalista passa a maior parte do tempo conversando com as pessoas sobre os bombardeios, e os iraquianos dizem que não havia muito a ser feito sobre a invasão. "Se não houvesse destruição, é concebível que os iraquianos de Bagdá, cidade de negociantes e pessoas educadas, perguntassem: 'Ei, o que você está fazendo?'. Mas há uma guerra, pessoas estão morrendo nas estradas, e não acho que haverá flores e música para recepcionar os americanos", criticou o jornalista no início de abril.

Junto ao combate pela conquista dos quilômetros de deserto com jazidas de petróleo subterrâneas, surge a guerra de propaganda, enquanto Arnett noticiava as conferências do ministro da informação iraquiana para a NBC e desenvolvia um diário na internet, em forma de notícia, para a *National Geographic Explored*. "Relatei o bombardeamento original para a NBC e estávamos a meia milha daquelas explosões maciças (na primeira semana do conflito). Agora estou realmente chocado por não estar mais relatando tais acontecimentos para os EUA", relata o correspondente. Ele conta que achou justo retribuir em quinze minutos toda a atenção que o povo iraquiano lhe deu.

Numa jogada de marketing, o jornal britânico *Daily Mirror*, que é declaradamente contra a invasão do Iraque, contrata um dos maiores correspondentes de guerra desempregado. Publica na primeira página uma fotografia do novo funcionário da empresa com a manchete: "Despedido por dizer a verdade, admitido para continuar dizendo a verdade", e Peter Arnett consegue permanecer em Bagdá.

Textos: Wagner Maia



Arnett: outra guerra e outro incidente

"Naquela noite minha carreira em pleno êxito foi transformada em cinzas porque declarei o óbvio: houve mudanças"



Enterro de Kaveh Golestan, cinegrafista iraniano da BBC, morto por mina terrestre



Christian Liebig, repórter da revista alemã Focus, vítima de um míssil iraquiano

## IN MEMORIAM

# MORRERAM

## buscando a verdade

22 de março

**Terry Lloyd (ITN)** - Britânico - Correspondente veterano da Independent Television News (ITN) foi o primeiro jornalista morto no conflito. Acredita-se que morreu por a disparos de tropas americanas, no caminho para Basra, sul do Iraque.



23 de março

**Paul Moran (ABC)** - Cinegrafista freelancer, foi assassinado enquanto cobria para a Australian Broadcasting Corporation (ABC) o conflito entre curdos e tropas iraquianas. Ele filmava um tiroteio quando um taxi com um homem-bomba explodiu ao seu lado. Moran estava fora da trincheira das forças de Coalizão na vila de Khormal, próxima a fronteira com o Irã. Ele deixa esposa e uma filha.



31 de março

**Gaby Rado (Canal 4)** - Húngaro, 48 anos. Morreu ao cair do telhado do Hotel, no norte do Iraque, o repórter só foi identificado uma semana depois. Cobriu pelo Canal 4 News o conflito no Afeganistão em 2001, a queda do comunismo na União Soviética e Lesie Europeu, a Guerra da Bósnia e o conflito em Kosovo. Foi o correspondente do programa de Moscou em 1991-92 e também cobriu a expansão da Comunidade Europeia.



2 de abril

**Kaveh Golestan (BBC)** - Iraniano. Cinegrafista freelancer, morreu ao pisar numa mina terrestre perto de Kifri, norte do Iraque. Seguiu para Sulaymaniyah acompanhado de Jim Muir, companheiro da BBC, quando decidiram fazer um piquenique à beira da estrada. Kaveh cobriu o comportamento social no Irã antes da revolução islâmica de 1979, a revolta no Curdistão, e a guerra Irã-Iraque.



3 de abril

**Michael Kelly (Washington Post)** - Estadunidense. Editor do *Atlantic Monthly* e colunista do *Washington Post*, morreu num acidente com um jipe, enquanto viajava com a 3ª Divisão de Infantaria das tropas americanas.



6 de abril

**David Bloom (rede de TV NBC)** - Estadunidense. Morreu depois de sofrer uma embolia pulmonar aos 39 anos, sendo o sexto jornalista morto no Iraque desde 19 de março. Acompanhava a 3ª divisão de infantaria das tropas americanas e noticiava o avanço do exército em direção à Bagdá. Trabalhava na NBC de Chicago desde 1993, e foi correspondente da Casa Branca antes de ser apresentador do programa *Today* em março de 2000. Era casado e tinha três filhas.



7 de abril

**Julio Anguita Parrado (El Mundo)** - Espanhol. Morreu quando um míssil iraquiano atingiu o acampamento da infantaria norte-americana. Tinha 32 anos e participou da cobertura das consequências do atentado de 11 de setembro de 2001. Era filho de Julio Anguita, ex-coordenador da Coalizão Comunista Esquerda Unida. Ao comentar a morte do filho, o pai assinalou que ele morreu cumprindo o dever e sempre quis seguir com as tropas na linha de frente da guerra.



7 de abril

**Christian Liebig (revista alemã Focus)** - Alemão. Acompanhava a 3ª Divisão de Infantaria americana e morreu quando um míssil iraquiano atingiu o Centro de Comunicações Militares, instalado a sudoeste de Bagdá.

8 de abril

**Tarek Ayoub (Al-Jazeera)** - Jordânico. Nona vítima mortal entre os jornalistas que fazem cobertura da guerra no Iraque. Cinegrafista, morreu na sequência de disparos de mísseis contra o escritório da emissora de tevê do Qatar, situada num edifício residencial entre o Hotel Mansur e o Ministério do Plano, no quarteirão dos ministérios, no centro da capital iraquiana. Tinha 35 anos e cobriu durante três anos a economia na Jordânia. Acompanhou o início da guerra na fronteira com a Jordânia, até chegar em Bagdá.

8 de abril

**Taras Protsyuk, (Reuters)** - Ucrâniano. Morreu durante o ataque de um tanque americano ao Hotel Palestina, em Bagdá. Operador de câmara da Reuters, onde trabalhava desde 1993, fez reportagens na Bósnia, Chechênia, Afeganistão e Kosovo. Era casado e tinha um filho de oito anos.

8 de abril

**Kameran Abdurazaq Muhamed (Rede de TV NBC)** - Curdo. Trabalhava como guia e tradutor para o jornalista John Simpson, da BBC, desde a segunda quinzena de março. Estava com as tropas especiais americanas e o exército curdo foram atacados pelo "logo amigo" de um F-15 americano. Com a explosão, perdeu ambas as pernas e morreu por falta de sangue. Tinha 25 anos e não era casado.

8 de abril

**José Couso (Tele 5)** - Espanhol. Cinegrafista, morreu durante cirurgia depois de ter sido ferido no ataque ao Hotel Palestina, de um tanque das tropas americanas. Tinha 37 anos. Em 9 de abril, cerca de 30 jornalistas receberam o primeiro-ministro espanhol em silêncio no senado, em Madri. Com o chão repleto de equipamento, os profissionais, parados e em silêncio, baixaram câmaras, microfones e blocos de notas à passagem do primeiro ministro espanhol Aznar e também do ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, Jack Straw.

14 de abril

**Mario Podestá (America TV)** - Argentino, 51 anos. Fotógrafo free-lancer, morreu instantaneamente num acidente, após o pneu furar e o jipe que o transportava capotar várias vezes. Com ele estava a cinegrafista Verónica Cabrera em um comboio de 60 jornalistas que rumava para Bagdá. Com ele, morreu o motorista iraquiano. Trabalhou como correspondente de guerra em outros 35 conflitos. Tinha três filhos.

15 de abril

**Verónica Cabrera (America TV)** - Argentina. A cinegrafista free-lancer morreu no hospital de Ar Ramadi em consequência dos ferimentos que sofreu em acidente de carro. Ela partiu de Amã e acidentou-se a 80 quilômetros de Bagdá. Tinha 28 anos, era casada e tinha uma filha de três anos.

Textos: Wagner Maia